

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

FERNANDA SERAFIM SILVESTRE

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: ARTE, EXPRESSÃO E
EXPERIÊNCIA**

CRICIÚMA

2017

FERNANDA SERAFIM SILVESTRE

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: ARTE, EXPRESSÃO E
EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Ma. Gislene dos Santos Sala

CRICIÚMA

2017

FERNANDA SERAFIM SILVESTRE

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: ARTE, EXPRESSÃO E
EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte

Criciúma, 20 de Novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ma. Gislene dos Santos Sala – Mestre em Educação – (UNESC) – Orientador

Prof^a Ma. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira – Mestre em Ciências da Linguagem – (UNISUL)

Prof. Me. Marcelo Feldhaus – Mestre em Educação – (UNESC)

Dedico este trabalho às crianças e adolescentes que frequentam o SCFV. Vocês são a razão de toda nossa luta para uma educação melhor. Eu acredito que vocês irão voar muito alto.

AGRADECIMENTOS

Sou grata à vida por ter me concedido a oportunidade de vivenciar este processo de formação intelectual dentro de uma Universidade de excelência.

Agradeço aos meus pais por todo apoio durante a minha trajetória acadêmica. Em especial agradeço minha querida mãe, que com amor insistiu para que minha escolha profissional fosse a Educação.

Agradeço ao meu namorado por estar comigo tanto nos períodos felizes como nos difíceis. Você foi parte essencial de meu sucesso.

Sou grata a minha orientadora Prof^a Ma. Gislene dos Santos Sala, por sua paciência e por me conduzir para as direções necessárias para concluir esta pesquisa. Agradeço por acreditar no potencial deste trabalho. Agradeço também aos professores da banca, por se disponibilizarem e pela atenção dada ao meu trabalho.

Agradeço aos demais professores do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC por que me instruíram de forma competente para um caminho de sucesso visando a arte como elemento necessário na construção do cidadão. Cada ensinamento foi de grande valia para minha trajetória profissional.

Agradeço as minhas colegas de curso pela parceria ao longo desses anos. Em breve serão minhas colegas de profissão: agora falta pouco!

Agradeço à todos os profissionais e frequentadores do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos por participar da minha pesquisa e me receber de portas abertas, permitindo concluir esse trabalho. Todos foram de extrema importância para que tudo ocorresse bem.

Enfim, agradeço a todos que se fizeram presentes nesse momento tão importante em minha vida, mesmo não sendo citados nominalmente.

Muito Obrigada!

“O objetivo maior não é proporcionar contato para que todos os aprendizes conheçam este ou aquele artista, mas sim que eles possam perceber que como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes, puderam falar de seus sonhos e de seus desejos, de sua cultura, de sua realidade, da natureza à sua volta e de suas esperanças e desesperanças, de seu modo particular de pesquisar a materialidade através da linguagem da arte.”

Mirian Celeste Martins

RESUMO

“Espaços não formais de Educação: Arte, expressão e experiência” é uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso que segue a linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura – UNESC. Tem como principal objetivo investigar de que forma a experiência em arte pode ser significativa em um espaço não formal de educação como o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (SCFV). A fim de discutir e relacionar o conhecimento e experiências sobre o ensino e aprendizagem de arte dentro de espaços não formais de educação, apontar a potência que o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos tem como espaço de manifestação cultural e construção de repertório interdisciplinar e sistematizar discussão sobre o ensino da arte e sua significação para os participantes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e o espaço que a arte ocupa no meio em que vivem. Tendo como ponto de partida o referencial teórico aqui apresentado, desenvolvi uma oficina no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para a análise de dados. A partir do que pontua Peixoto e Azevedo (2011), Kettmann (1994) Larrosa (2004), Aranha-Martins (2009) entre outros autores, estabeleço um diálogo contextualizando. É uma pesquisa de cunho qualitativo e que a partir da análise de dados, traz uma proposta de projeto de extensão o qual visa estudos e reflexões acerca dos temas abordados ao longo desta pesquisa. Esta pesquisa ressalta a necessidade de que o ensino da arte seja baseado em experiências para que o mesmo seja marcante e relevante na vida dos envolvidos.

Palavras-chave: Narrativas. Espaços não formais. Ensino da Arte. Educação não formal.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Mapa conceitual SCFV	24
Imagem 2: Capela Sistina - Vaticano	31
Imagem 3: Guernica - Pablo Picasso 1937	32
Imagem 4: Sem título - Arthur Barrio	33
Imagem 5: Fotografia de Frida Kahlo 1926	35
Imagem 6: Acidente - Frida Kahlo 1926	36
Imagem 7: O hospital Henry Ford - Frida Kahlo 1932	37
Imagem 8: As duas Fridas - Frida Kahlo 1939	38
Imagem 9: Auto-retrato com cabelo cortado - Frida Kahlo 1940	39
Imagem 10: Troupe de Mlle Elegantine - Henri de Toulouse-Lautrec 1896	41
Imagem 11: Lambe-Lambe - Laura Guimarães.....	42
Imagem 12: Manifesto das Mina - Bianca Maciel 2016	42
Imagem 13: Fotografia da Oficina	49
Imagem 14: Fotografia da Oficina	50
Imagem 15: Fotografia da Oficina	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SUAS	Sistema Único de Assistência Social

SUMÁRIO

1 INÍCIO DO PERCURSO	11
2 A DIREÇÃO DO PERCURSO	15
3 ENSINO FORMAL E NÃO FORMAL: O ESPAÇO DA ARTE	18
3.1 SCFV E O ENSINO NÃO FORMAL	22
4 ARTE COMO EXPERIÊNCIA	27
5 FRAGMENTOS DE NARRATIVA: ARTE COMO EXPRESSÃO DO COTIDIANO	31
5.1 FRIDA KAHLO	34
5.2 LAMBE-LAMBE: ARTE COMO INTERVENÇÃO URBANA.....	40
6 A EXPERIÊNCIA DE EXPRESSAR: COMO ACONTECEU A OFICINA	44
6.1 PRIMEIRO ENCONTRO:	44
6.2 SEGUNDO ENCONTRO:.....	45
7.1 EMENTA	54
7.2 CARGA HORÁRIA	54
7.3 PÚBLICO-ALVO	54
7.4 JUSTIFICATIVA	54
7.5 OBJETIVOS	55
7.5 1 Objetivo Geral	55
7.5 2 Objetivos Específicos:	55
7.7 METODOLOGIA:.....	55
8 FIM DO PERCURSO?	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE(S)	62

1 INÍCIO DO PERCURSO

Para o desenvolvimento desta pesquisa tenho como ponto de partida minhas vivências e questionamentos enquanto acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Iniciei a graduação por ter uma paixão pela área da arte, porém ainda tinha resistência quando se tratava sobre a atuação em sala de aula como professora. Digo isto por o ambiente escolar me causar incomodo, pois tinha como referência apenas as minhas experiências como aluna no Ensino Fundamental e Ensino Médio, criando bloqueio diante da ideia de atuação.

Estas aflições me acompanharam até a 5ª fase do curso. Entretanto, foi no segundo semestre de 2016, quando iniciei meus estágios obrigatórios, que decidi me envolver completamente na continuação e finalização do curso, percebendo o quanto desperdicei tempo e conhecimento durante esse período de resistência.

No início desse ano (2017), assumi um trabalho diferente de tudo que já havia realizado em minha trajetória acadêmica e profissional, e pude perceber as possibilidades do ensino da Arte em outros espaços além da sala de aula convencional, provocando novos encantamentos acerca da atuação como professora de Artes. Neste novo desafio, o diferencial de trabalhar com a arte em um espaço não formal instigou meu olhar como pesquisadora, desejando trazer esta questão para meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

No espaço citado iniciei um novo projeto onde monitoro/atuo como responsável e sócio-educadora no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do CRAS – Centro de Referência em Assistência Social de Jacinto Machado, cidade onde resido. Segundo a Política Nacional de Assistência Social a SCFV, “Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros)” (PINAS, 2004, p.33).

O Programa de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos é parte integrante do SUAS – Sistema Único de Assistência Social. A provisão das seguranças sócio-assistenciais pressupõe que as ofertas disponibilizadas pelo SUAS contribuam para o desenvolvimento das capacidades e autonomia dos usuários, o fortalecimento das relações no âmbito da família e da comunidade e a

ampliação do acesso a direitos sócio-assistenciais e das redes de relacionamento no território onde vivem e convivem.

Pensando então a respeito do ensino da Arte em espaços não formais de educação, sem perder de vista que arte é conhecimento, criamos estímulos para discussões pertinentes sobre cultura, experiências individuais, memória e repertório a partir deste espaço. O ensino da Arte vai além do resultado final de qualquer proposta, tornando a qualidade do trabalho mais importante do que o resultado, respeitando o lugar e o modo com que cada aluno se encontra e caminha durante o processo de experimentação com a arte, mantendo o objetivo proposto. A importância do ensino da Arte no ambiente construído no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos é indiscutivelmente perceptível, o olhar sensível para as relações sociais, atitudinais e libertadoras traz amparo, possibilidades de criação e manifestação em diversas linguagens, oportunizando aprendizagem, conhecimentos e produção que reafirmem significados, aceitação e convívio entre os alunos/participantes.

A partir dessas reflexões e minhas experiências durante as etapas vivenciadas no decorrer do curso, e também a partir da atuação no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, trago como questão problema, o que me impulsiona e instiga para minha pesquisa: **Como a experiência em arte pode ser significativa em um espaço não formal de educação como o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (SCFV)?** Com o objetivo de fortalecer a discussões outras questões fortalecem esta reflexão: Quais as possibilidades da arte como expressão destas crianças e adolescentes? Qual o conhecimento dos participantes do SCFV sobre arte contemporânea? Como desconstruir o estereótipo do ensino da arte ser apenas desenho?

São problemáticas que inserem a criança e o adolescente em uma conversa sobre suas vontades e curiosidades, sobre serem e exercerem a criticidade que nós professores pesquisadores precisamos estimular em nossos alunos, contribuindo com a troca de olhares perante a arte e sua importância na construção de conhecimento e cultura.

Esta pesquisa foi organizada por capítulos os quais dialogam com um referencial teórico pertinente. O primeiro capítulo intitulado de Início do Percurso traz os meus motivos para iniciar essa pesquisa e como se deu o processo de construção.

Na metodologia, intitulada de “A direção do Percurso”, apresento as pontualidades acadêmicas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa apoiando-me nas palavras de Leite (2008), Honorato (2008), Dias-Irwin (2013), Minayo (2012).

O segundo capítulo, intitulado de “Ensino Formal e não Formal: o espaço da arte: SCFV e o ensino não formal”, abordo qual o espaço da arte nestes espaços de ensino e como se alinham suas ações educativas. Como referencial teórico Gohn (2010), Jacobucci (2008), Fronza-Martins (2006), Celeste Martins (2005) Gadotti (2005), Rosa-Scalea (2006), Barbosa (1999), trago uma reflexão sobre o acesso do público escolar à Arte, as ações educativas e as especificidades nos sistemas formal e não formal de ensino. Neste capítulo, a fim de apresentar considerações sobre o objeto desta pesquisa ressalto sobre a sistemática de trabalho no SCFV e como se constrói seu processo de ensino.

No terceiro capítulo, “Arte como Experiência”, apresento diálogos pensando sobre a experiência no processo de ensino da Arte. Este capítulo se apresenta a luz de um referencial teórico composto por Martins e Picosque (2008), Aranha-Martins (2009), Pavan (2017), Bondia (2004) para refletir o que configura uma experiência e de que forma ela acontece, ampliando olhares sobre a relação a arte e o seu ensino.

O quarto capítulo intitulado “Fragmentos de Narrativa: Arte como expressão do cotidiano”, faço um breve estudo sobre os artistas que fundamentaram a realização da oficina com os frequentadores do CRAS. A escolha da artista Frida Kahlo e da linguagem Lambe-Lambe deu-se por suas aproximações com o cotidiano, se apropriando da arte como uma possibilidade de se expressar.

O capítulo seis traz um projeto de extensão relacionado ao tema desta pesquisa onde apresento como proposta um projeto de curso de formação continuada para professores de Artes atuantes em redes de ensino formal e não formal. Este projeto tem o objetivo de proporcionar estudos e reflexões sobre experiência e expressão no ensino da Arte.

No desenvolvimento desta pesquisa, para o levantamento de dados, realizei a oficina intitulada “Arte, Expressão e Experiência” para oito dos frequentadores do SCFV, e teve como principal objetivo possibilitar aos participantes expressarem artisticamente suas vivências e histórias de vida utilizando-se da linguagem visual a partir da criação de Lambe-lambe em diálogo com a produção artística da artista Frida Kahlo. Com a oficina percebi o quão importante é

oportunizar as crianças e adolescentes que freqüentam o SCFV conhecerem sobre a Arte e exteriorizarem seus sentimentos e desejos a partir dela.

2 A DIREÇÃO DO PERCURSO

Esta pesquisa teve como principal objetivo investigar de que forma a experiência em arte pode ser significativa em um espaço não formal de educação como o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos buscando aprofundamento para compreender as questões apresentadas ao longo deste estudo.

Considero esta pesquisa Baseada em Artes, pois o pesquisador, o professor e o artista se fundiram na intenção de investigar como a experiência/contato com a arte pode significar na vida das crianças e adolescentes que frequentam este espaço, tanto na teoria quanto na prática. Esta pesquisa, tratando-se de seu método, pode ser considerada como qualitativa, pois busca levantar questionamentos, estudar o aprofundamento nas ideias, se mantendo como uma pesquisa viva, em que sempre terá novos questionamentos e compreensões.

Entende-se que o conhecimento em Arte se dá a partir da experiência. Um professor de artes não precisa ser necessariamente um artista, porém necessita como parte da carga do seu conhecimento, ter práticas vivenciadas nas linguagens da arte com produções artísticas. Neste processo se apresenta “envolvendo-se constantemente com idéias, dados e processos artísticos como uma forma de criar novas compreensões através da produção de conhecimento” (DIAS; IRWIN, 2013, p. 30).

Pensando em propor exercícios de expressão, experiência, produção e manifestação dentro do ensino da Arte, como recurso para análise de dados, foi realizado uma oficina com os frequentadores do SCFV, com idades entre 07 e 14 anos. Essa oficina teve como objetivo proporcionar a experiência com a arte. Desta forma, este estudo teve como campo de pesquisa um espaço de narrativa, o qual segundo Honorato (2008, p.116)

Espaços de narrativa são constituídos por narrativas orais, corporais, gestuais e visuais. Emergem quando se acredita na potencialidade da história de cada um, na constituição de sujeito fazedor da sua cultura, no valor da história narrada, na concepção de história descontínua.

Pensando nestes espaços de narrativas como parte de um processo de experiências artísticas as quais partem do repertório e vivências do participante, foi

proposto na oficina um estudo sobre a artista Frida Kahlo. Uma artista a qual em suas obras “fala” sobre suas próprias experiências de vida, sua realidade de forma intensa. Nesta oficina fizemos uma apreciação estética de algumas obras da artista e apreciamos alguns recortes do filme “Frida” o qual conta a sua história, e após finalizamos com uma produção de Lambe-Lambe para expressar sua realidade de vida. A escolha pelo Lambe-lambe deu-se pela possibilidade de expressão da linguagem e como uma maneira de provocar os frequentadores a pensarem a arte além do modo tradicional, mostrando para a comunidade que residem o que sentem, o que vivem. Pois o SCFV é justamente um espaço não formal de ensino que atua sobre a realidade, o cotidiano das crianças e adolescentes que frequentam este espaço.

Ao decorrer da oficina, alguns questionamentos foram trabalhados com o propósito de serem utilizados na análise de dados. Dentre eles:

- Qual contato/aproximação e conhecimento que possuem sobre Arte Contemporânea.
- Na escola, vivenciam a arte?
- Na comunidade, vivenciam a arte?
- E em espaços não formais, já tiveram contato com arte?

Pensando em propor exercícios de expressão, experiência, produção e manifestação dentro do ensino da Arte no decorrer dos encontros e nas conversas que a oficina oportunizou aos participantes experiências estéticas e artísticas a partir de um processo de criação.

A pesquisa é uma investigação que parte de um olhar curioso e pretende esclarecer ou apontar caminhos no decorrer do estudo sobre a experiência artística em espaços não formais. Por isso é de cunho qualitativo, pois segundo Minayo (2012, p.21) “se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não deveria ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” já que não visa respostas exatas ou valores numéricos, mas analisar quais os caminhos percorridos pela imaginação e vivência das crianças e adolescentes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Quanto aos objetivos desta pesquisa, é exploratório. Pois conforme a fala de Minayo (2012, p.26) “essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados,

levantamento de material documental e outros”. O que foi concretizado na oficina com a observação e comunicação direta com todos os envolvidos na ação.

3 ENSINO FORMAL E NÃO FORMAL: O ESPAÇO DA ARTE

Início as reflexões deste capítulo buscando compreender como acontece o ensino formal e o não formal, quais suas especificidades e metodologias. Segundo Gohn (2010) “Na educação formal estes espaços são os do território da escola, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais”.

Em contrapartida, o ensino não formal acontece nos mais variados locais. Tratam-se, ainda, de espaços educativos localizados “em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas” (GOHN, 2010, p. 18). Nestes espaços os processos são interativos e a intencionalidade se refere ao ato de participar, de aprender ou trocar saberes, que, o autor fundamenta como “critérios de solidariedade e identificação de interesses comuns, parte do processo de construção de cidadania coletiva e pública do grupo” (GOHN, 2010, p. 20).

Quando falamos em ensino formal, logo nos remetemos a uma sala de aula tradicional. Pensamos em uma escola institucionalizada, com turmas divididas por faixas etárias para que seja articulado um ensino que atenda a cada etapa de desenvolvimento dos alunos.

Dentro deste sistema de ensino diversos modelos de práticas pedagógicas foram sendo implementadas no sentido de buscar melhorias para a educação. E neste meio, o ensino da arte também sofria alterações. Neste processo histórico, vários movimentos, em decorrência de ações políticas e sociais, foram surgindo a fim de estabelecer melhorias para o contexto escolar e para o ensino da arte.

Dentre estes documentos orientadores e normatizadores do ensino formal podemos destacar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, que, após vários estudos e alterações teve sua última versão publicada em 1996. Entretanto, desde então, a mesma vem sofrendo alterações em seu texto que horas buscam qualificar o ensino, e em outros momentos parecem retroceder.

Tratando-se no ensino da arte na escola regular, a LDB (BRASIL, 1996) teve sua última alteração com a Lei nº 13.415, de 2017, na qual prevalece sua obrigatoriedade, mas altera a redação direcionando para a Educação Básica.

A educação em espaços não formais, objeto deste estudo, ocorre fora do

ambiente escolar institucionalizado, como tem ocorrido no processo da educação e visa estabelecer relações sociais. De acordo com Jacobucci (2008, p. 55)

Os espaços não formais de educação compreendem-se a locais diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas diversas. Existem dois tipos de espaços não formais, estes podem ser instituições ou locais que não contêm uma estrutura institucional. No âmbito de instituições são incluídos os espaços que possuem um regulamento e técnicos que são envolvidos e responsáveis pelas atividades executadas no local. Já em âmbito de não institucional entram os ambientes naturais ou urbanos, que se forem utilizados para a execução de práticas educativas de forma planejada se tornam um espaço educativo de construção científica.

Apesar de ainda ter um caráter educativo, o ensino não formal se constrói de uma maneira diferenciada das escolas regulares, ampliando as possibilidades de ensino. Uma vez que não segue as normas de uma escola, já que o objetivo central é humanitário, visando o desenvolvimento social da criança. Gohn (2006, p. 31-32) contribui quando destaca que na educação não formal as metodologias realizadas têm como ponto de partida a cultura das pessoas que frequentam o espaço, na qual nasce da problematização de situações cotidianas como suas necessidades, carências, desafios e obstáculos, ou, ainda, ações empreendedoras que são construídas no processo que depende da motivação das pessoas que participam.

Na educação não-formal, há caminhos, percursos, metas, objetivos estratégicos que podem se alterar constantemente. Há metodologias, em suma, que precisam ser desenvolvidas, codificadas, ainda que com alto grau de provisoriedade, pois o dinamismo, a mudança, o movimento da realidade segundo o desenrolar dos acontecimentos, são as marcas que singularizam a educação não-formal (GOHN 2006, p. 31-32).

Muito antes de existir a escola institucionalizada, a arte já era objeto de ensino. Pensando na trajetória do ensino da Arte percebemos deslocamentos entre o ensino formal e não formal. Quando a Missão Artística Francesa desembarcou no Brasil, por volta de 1816, um ensino não formal de arte passou a ser realizado, mas em um ambiente institucionalizado. O objetivo tratava-se de formar artistas para registrar os feitos de Dom João VI e sua corte nas terras brasileiras. Embora de maneira elitizada o conhecimento artístico era passado entre “mestre” e o seu “aprendiz” como um ofício a ser exercido. Além disso, Dom João VI possuía um acervo de obras de arte que também eram utilizadas nas aulas da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro. Fronza-Martins (2006, p. 28) nos mostra como a arte era objeto de poder de um determinado grupo social, quando diz:

A relação com o público possui um vínculo histórico importante com a ação educativa. As coleções, nos séculos XV e XVI, exprimiam o status e poder daquele que as possuía. A relação mantida entre os proprietários de coleções objetos de arte e objetos científicos, nessa época, além de imprimir poder e prestígio também mantinha e privilegiava a transmissão de tais conhecimentos somente aqueles que pertenciam a determinado grupo social. Restringindo-lhes tal acesso e conhecimento a um público restrito (FRONZA-MARTINS, 2006, p. 28).

Após a Revolução Francesa (1789), algumas mudanças ocorreram, neste sentido, pois alguns lugares que mantinham algumas coleções de arte passaram a se tornar instituições públicas. Segundo Castellen (2004, p. 18):

Somente a partir da Revolução Francesa, em 1789 é que o acesso às grandes coleções efetivamente tornou-se públicas. Antes as principais funções dos museus estavam restritas a coletar, conservar e pesquisar. Quando a função expositiva passou a ser predominante, os museus foram obrigados a re-organizar suas coleções tornando suas exposições em objeto de interesse coletivo.

Foi durante este período que a arte passou a ser entendida como patrimônio histórico e valorizada como objeto representante de uma identidade – podendo ser individual do artista ou coletiva de uma cultura. De acordo com Franz (2001, p. 43) “Nessa perspectiva, não bastava apenas permitir a entrada do povo nos museus, assim como eles se apresentavam antes da Revolução Francesa; era preciso mudanças, desde conceituais a estruturais”. A partir desse momento o fluxo de visitantes a esses locais anteriormente destinados a guardar a arte, passou a crescer. Diante disso, se vê a necessidade de se ter um arte-educador, ou mediador inserido nas equipes de trabalho destes locais, onde o ensino não formal sobre a arte ganha um espaço institucionalizado. Porém, esta prática só passa a acontecer, conforme destaca Barbosa (1999, p. 85) no século XX, quando “a função educacional do museu começa a ser colocada no mesmo grau de importância que sua função de preservação e exibição das obras de arte”.

Atualmente, existem ações em diversas instituições não formais de ensino que visam à aproximação do público com a arte e a educação, na intenção de se criar e fortalecer vínculos. Destacamos, neste viés, a própria Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 259, quando defende o acesso a artes e bens culturais artísticos ao apresentar que “[...] o estado garantirá a todos pleno exercício dos direitos culturais e acesso as fontes a cultura, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão de suas manifestações” (BRASIL, 1988).

Podemos perceber, após esta breve contextualização, a ampliação dos espaços não formais de ensino, sendo estes institucionalizados ou não. Os quais, anteriormente para a arte, se iniciaram nos museus históricos, mas se expandiram passando a abranger diversas instituições como museus de Arte, galerias, fundações, institutos, ONGS, entre outros. Alguns destes espaços criam estratégias para se tornarem uma ferramenta social de ensino de uso frequente, oferecendo oficinas aos seus frequentadores que trazem a Arte como possibilidade de expressão. Nestas podemos destacar as instituições governamentais como o Centro de Referência da Assistência Social na qual realizo a pesquisa com a Arte para esta pesquisa.

No ensino formal contemporâneo percebemos a necessidade de acesso à arte a partir, também, dos espaços não formais. Por isso espera-se que o facilitador tenha acesso a estes espaços culturais com frequência e oportunize estas experiências aos seus alunos, os oportunizando o acesso à obra de arte original, não apenas a sua reprodução em sala de aula. É preciso que o aluno conheça a obra como ela é sua dimensão física, sua cor natural (tendo em vista que dependendo da qualidade da imagem, pode alterar a cor), perceber os detalhes em sua forma original.

Uma visita a um museu pode levar à ampliação da capacidade de observação, ao entendimento de questões sociais – muitas vezes tratadas pelos artistas, ao enriquecimento do repertório de técnicas, materiais e ações que envolvem a expressividade. O ambiente diferenciado dos museus já é um estímulo à percepção e ao questionamento (ROSA; SCALÉA, 2006, p. 70).

A escola não precisa se limitar ao seu próprio espaço e modo de ensino, mas pode expandir suas possibilidades quando se dá a oportunidade de ter acesso aos espaços de ensino não formal. Segundo Gadotti, (2005, p.01),

A educação é um dos requisitos fundamentais para que os indivíduos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade. Ela é um direito de todo ser humano como condição necessária para ele usufruir outros direitos constituídos numa sociedade democrática. Por isso, o direito à educação é reconhecido e consagrado na legislação de praticamente todos os países e, particularmente, pela Convenção dos Direitos da Infância das Nações Unidas (particularmente os artigos 28 e 29). Um outro exemplo é o Estatuto da Criança e do Adolescente do Brasil. Negar o acesso a esse direito é negar o acesso aos direitos humanos fundamentais. É um direito de cidadania, sempre proclamado como prioridade, mas nem sempre cumprido e garantido na prática.

Neste contexto não formal, o facilitador não está ali apenas para conceder informações, mas para problematizar, questionar, provocar. De acordo com Mirian Celeste Martins (2005, p. 17),

A mediação se enriquece na troca de pontos de vista de cada um no seu grupo, acrescidos de outros trazidos por teóricos e estudiosos, que podem apresentar, rompendo com preconceitos estereotipados, ampliando conhecimentos e partindo para novas problematizações. A socialização destes pontos de vista é, portanto, imprescindível para a ampliação de compreensão da arte, ultrapassando o perigo de colocar na voz do mediador (monitor, professor ou teórico) a interpretação que poderia ser colocada como única correta.

As ações educativas contemporâneas, em geral tanto no ensino formal e não formal, não visam apenas o aluno no espaço escolar, mas procuram ampliar olhares trazendo questionamentos e consciência social. Sendo assim percebe-se uma ligação potente entre ensino formal e não formal. Neste capítulo procuramos entender como a Arte permeia os espaços de ensino formal e não formal, assim, fez-se necessário aprofundar a respeito do seu ensino dentro do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV – onde realizo esta pesquisa utilizando como metodologia o espaço de narrativa e a própria arte. Reflexões estas apresentadas no subcapítulo a seguir.

3.1 SCFV E O ENSINO NÃO FORMAL

Tendo em vista a sociedade atual, diversas instituições de caráter público oferecem para crianças e adolescentes que vivem em situação de risco a oportunidade de participar de práticas educativas para fins sociais – na qual destacamos como educação não formal. Esta prática, em algumas instituições, ocorre em contra turno com o ensino formal e são atividades que tratam sobre questões artísticas, culturais e esportivas.

De acordo com o site¹ da prefeitura de Jacinto Machado o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da cidade:

¹<http://www.jacintomachado.sc.gov.br/> acesso em 18 de outubro de 2017 às 22:15h

É um Programa do Governo Federal que tem o objetivo de incentivar a ampliação do universo de conhecimentos, por meio de atividades culturais, esportivas, artísticas e de lazer no período complementar à escola. No local, além das atividades que reforçam e valorizam o potencial das crianças e adolescentes e que visam à melhoria da convivência familiar e o fortalecimento de vínculos dos seus integrantes, também são oferecidas duas refeições por período.

Mas deve-se salientar que este serviço não deve ser confundido com a escola, pois é um serviço socioeducativo. Segundo Brasília (2012, p.10),

É tomado como qualificador da ação, designando um campo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de capacidades substantivas e valores éticos, estéticos e políticos a fim de promover o acesso e processamento de informações, a convivência em grupo e a participação na vida pública.

Neste contexto não formal de ensino socioeducativo a realidade social da criança/adolescente que frequenta esses espaços é o que orienta a intencionalidade da ação. As crianças e os jovens são os protagonistas do planejamento e das ações, que buscam tornar acessível às oportunidades culturais e artísticas. Segundo Fronza-Martins (2006), “ação educativa, realizada dentro do novo processo educativo não-formal que ressalva o envolvimento das pessoas no e pelo processo ensino-aprendizagem enquanto uma relação prazerosa com o aprender.” O que potencializa o ensino não formal como forma de construção de conhecimento e experiências.

As práticas socioeducativas se constroem por meio de processos e atividades não vinculadas ao sistema de méritos e níveis, típico do sistema escolar formal e possibilita aprendizagens articuladas que contribuem para o desenvolvimento pessoal e social de crianças e adolescentes, atualizando e complementando conhecimentos já trazidos por estes de sua vivência familiar e experiência cultural (BRASÍLIA, 2012, p.10).

O atendimento no SCFV é para as crianças e adolescentes com idades entre 06 e 16 anos e ocorrem em contra turno, ou seja, a criança vai para a escola em um período e no outro vai para o SCFV, e se destina a proteção social básica, pois se reconhece que hoje, várias crianças e adolescentes, vivem em situação de risco, expostos ao perigo e vulneráveis:

Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social

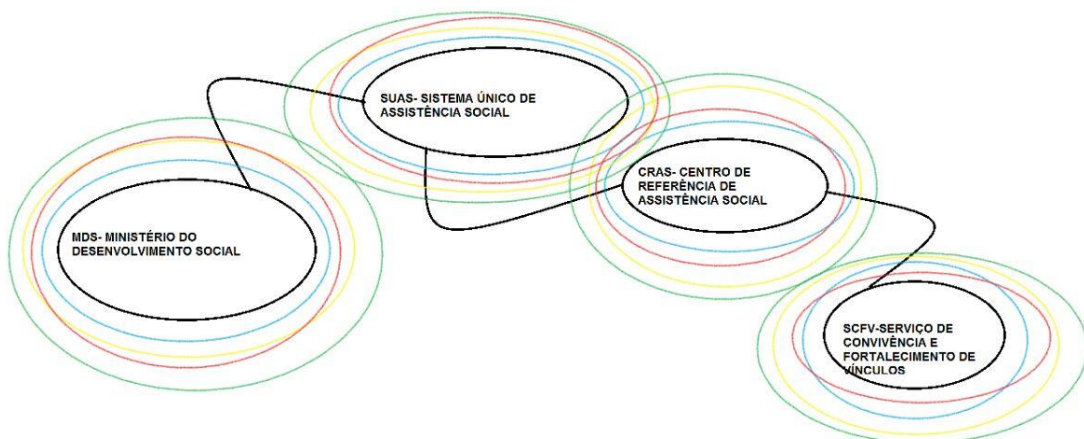
decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e, ou, fragilização de vínculos afetivos – relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras) (PINAS, 2004, p.33).

A proteção social é uma política pública e se faz necessária tendo em vista que são vítimas dos malefícios da vida. Por isso, para atender esta demanda somente os serviços oferecidos pela escola básica não são suficientes. É preciso criar estratégias que assegurem a essa criança/adolescente o convívio comunitário e social para um desenvolvimento de relações afetivas de solidariedade, respeito e estimule a permanência no sistema educacional. Pensando nisso, que o SCFV destaca como principal objetivo:

Oferecer proteção social, como serviço de ação continuada a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, assegurando espaços de referência e de participação, de relações de afetividade, de respeito e de autoridade que garantam a ampliação de seu universo de trocas culturais, o acesso à tecnologia e a experimentação da participação na vida pública (BRASÍLIA, 2012, p.06).

O SCFV lida com um público de vulnerabilidade social e que necessita de atendimento especial nas questões de acolhimento, valorização e potencialização humana. O programa tem como objetivo iniciativas inclusivas para estas crianças e adolescentes vulneráveis perante a sociedade, para lhes assegurar tudo que lhes é de direito, desde assistência psicológica como educacional. Segue um mapa conceitual de como o SCFV faz parte do CRAS.

Imagem 1: Mapa conceitual SCFV



Fonte: Arquivo pessoal

Por ser um espaço não formal de educação, a metodologia de ensino é pensada diretamente para o público alvo, sendo planejada semanalmente e analisada por uma assistente social, um psicólogo e um orientador social que fazem parte da equipe do SCFV. Este planejamento busca promover e oportunizar informações que atendam as necessidades básicas de acolhimento, deveres e direitos, vivência em sociedade, troca de experiências e valorização pessoal.

A equipe técnica é composta por dois sócio educadores e trêsicineiros. Vale ressaltar que em cada SCFV é realizado um estudo de campo para que a equipe responsável da prefeitura possa estabelecer quais as oficinas serão ofertadas. No município de Jacinto Machado, após o estudo, são oferecidas as seguintes oficinas: Dança, com o objetivo de trabalhar a expressão corporal e interação entre participantes; Informática, oportunizando o acesso a informações e diferentes ferramentas de pesquisa, ensino e aprendizagem; e Capoeira, com foco na construção de indivíduos respeitosos ao meio em que vivem de caráter íntegro, dispostos a ajudar sempre ao próximo.

Não temos uma oficina específica da área de artes, porém, esta permeia as oficinas citadas considerando a sua contribuição na formação de sujeitos críticos, criativos, sensíveis e autônomos neste espaço. Nestas oficinas os planejamentos são pensados individualmente, porém com um mesmo objetivo central, tendo como propósito incentivar a liberdade de expressão e troca de saberes entre participantes e educadores. O SCFV visa, acima de tudo, trabalhar em conjunto com pais/responsáveis, escola e comunidade, fortalecendo então o vínculo necessário para a formação de indivíduos autônomos e autores de suas escolhas e caminhos futuros.

Inserido no campo da proteção social de assistência social, o SCFV busca realizar ações que permitam a criança/adolescente ter a realização pessoal e social auxiliando no fortalecimento das relações no âmbito familiar e social. Para isso, os serviços oferecidos, são efetivados por uma rede de atores públicos (integrantes da rede socioassistencial) que concretizam as oficinas socioeducativas. A arte está presente nestas ações de forma perceptível, no olhar sensível de cada envolvido para com sua realidade social, possibilitando experiências com inúmeras formas de manifestações e expressões nas diversas linguagens da arte como a dança, a visual (desenho, pintura), as cênicas, entre outras.

Neste capítulo nos preocupamos em refletir sobre o ensino formal e não formal, trazendo algumas especificidades do SCFV. Na próximo capítulo estaremos tecendo reflexões sobre a arte como experiência, refletindo sobre este termo que se faz tão presente atualmente nas pesquisas em arte.

4 ARTE COMO EXPERIÊNCIA

Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira e médico tornando-se sensível aos signos da doença...

Gilles Deleuze

No capítulo anterior, destaco as especificidades do ensino no SCFV e do ensino não formal. Neste capítulo apresento reflexões sobre a experiência e sua relação com a arte, por dois motivos: primeiro por esta trata-se de uma pesquisa que trás em sua metodologia a própria arte, e, também, pela dinâmica de planejamento realizado pelas oficinas na qual deve considerar as experiências de vida das crianças e adolescentes que frequentam estes espaços. Compreender o conceito de experiência e sua relação com a arte é essencial para atingirmos o objetivo desta pesquisa, na qual pretende investigar de que forma a experiência em arte pode ser significativa em um espaço não formal de educação como o SCFV.

Para fazer alguém entender o que é uma música precisaríamos, antes de tudo, possibilitar que esta pessoa escute a música. Ou seja, permitir espaço para a experiência. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte (1997, p.25) a pretensão do ensino é a experiência, a interação com a própria arte, como bem destaca:

A experiência de fazer formas artísticas e tudo o que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisas de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte; A experiência de fruir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perspectivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa; A experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento, onde importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos.

O estudo da arte e a própria arte em si, é muito mais do que apreciar a estética de uma obra, ler um texto, analisar a história ou desenvolver uma atividade relativa a alguma linguagem. Arte é experiência. É estabelecer diálogo, ampliar olhares e trazer à tona a reflexão. Pode-se compreender, com base em Martins e Picosque (2008) que,

Um professor que mantém viva a curiosidade, que gosta de estudar, investiga imagens para sua prática na sala de aula e leva seus alunos ao

encontro com a linguagem da arte sem forçar uma construção de sentido “correto” ou único, veste sandálias de professor-pesquisador, envolvendo com a mais fina atenção sua pele pedagógica, dando sustentação para pisar em terras ainda desconhecidas. Não lida com as certezas e reducionismos simplistas, mas com compreensão e articulação de complexidade. Por isso mesmo, seu caminhar se dá no presente, no lugar da pergunta, da questão da dúvida, movido por passos de andar sinuoso que evitam os caminhos retos porque assim pode traçar sua própria trilha. Nesse modo de caminhar, encontrando trilhas acessíveis e outras não, o professor-pesquisador é mais afeito a formulação de perguntas do que a elaboração de respostas diante de cada imagem que encontrar. Afinal, a arte não responde; pergunta! (p. 133).

Conforme as palavras das autoras, a arte não precisa explicar, responder a alguma indagação, porém ela precisa ser indagada. É nisso que se baseia a arte, no questionamento, em atizar a curiosidade nos sujeitos para enfim viver a experiência. Assim como no fazer artístico, também ocorre na apreciação estética de uma obra de arte.

A obra de arte, entretanto não pode ser explicada. O modo de nos aproximarmos dela é hermenêutico porque ela propõe uma multiplicidade de sentidos (é divergente). Cada um se aproxima da arte e partir de sua experiência, dos valores de seu mundo, de seu código, recriando, para si, os sentidos da obra (ARANHA-MARTINS, 2009, p.413)

Pois a experiência estética se dá a partir do repertório de cada um. De acordo com Pavan (2017, p. 51) “sua interpretação não é algo estanque, mas de infinitas possibilidades, já que o sensível e a leitura da obra atuam na compreensão do sujeito portador do seu próprio repertório e experiências.” É nestas experiências estéticas que nos deparamos com parte de nós, conhecemos nosso íntimo, nossos desejos e ampliamos os olhares para as diversas possibilidades ao nosso redor. A experiência não passa por nós como uma mera informação sem nos provocar, mas em nós, nos afetando, transbordando em nossas sensações e sentimentos. Aranha e Martins (2009) contribuem com esta reflexão quando destacam que:

A arte é um modo privilegiado de conhecimento intuitivo que se realiza por meio de uma obra concreta e individual e que fala mais ao sentimento do que à razão. A arte abre as portas para que possamos compreender múltiplas possibilidades do mundo vivido. Ela altera o modo como vemos a realidade ao mostrar outros mundos possíveis. (...) Por isso, o conhecimento que a experiência estética de uma obra nos oferece não se resume ao conhecimento de um objeto, uma pessoa, uma paisagem, um artista, mas de todo um mundo de valores, de propostas, de desejos, e ao conhecimento de nós mesmos: nossas reações a esse mundo descortinado também revelam quem somos (p.423).

Coaduna-se com essas reflexões, Bondia (2004, p. 154) quando ressalta que, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” Porém segundo o autor, a experiência está se tornando cada vez mais rara pelo excesso de informações e “a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. A experiência é o que nos envolve, e nessa perspectiva, Marina (2004, p.23) afirma que,

Nunca tivemos tanta informação ao alcance da mão. Pela minha mesa de trabalho passa meio mundo. E se conecto a Internet, o outro meio. Mas esta saturação informativa me proporciona mais problemas que clarezas porque resulta muito difícil reconhecer o que é relevante.

Em nosso cotidiano, recebemos diversas informações. Um exemplo claro disso é o nosso percurso escolar. Ao longo dos anos, somos apresentados à diversas informações em diferentes disciplinas, porém grande parte delas apenas “decoramos”, e não permanecem em nós. Tornando-se, assim, um conhecimento vazio, pois ao longo do tempo é esquecido já que era apenas uma informação e não uma experiência. Pois de fato, só aprendemos aquilo que tem um significado para nós. Para Gillo Dorfles (1987, p. 25) “toda a nossa capacidade significativa, comunicativa e frutiva é baseada em experiências vividas – por nós ou por outros antes de nós – mas, de qualquer modo feitas nossas”. E neste sentido percebo a arte como um campo rico para experiências, tanto como apreciador lendo uma obra, como produtor de arte. Para isso me remeto às palavras de Makowiecky, (2008, p. 139) o qual afirma que “podemos considerar a arte como sendo um dos caminhos que nos leva a uma visão objetiva das experiências humanas.” Pois o processo criativo da obra envolve diversas escolhas e possibilidades, que podem ser diferentes de acordo com as vivências de cada artista.

A arte nos faz estender e ampliar aquilo que somos porque passamos a ver o mundo e a nós mesmos sob luzes diferentes. A arte afina nossa sensibilidade: ensina-nos a ter aguda percepção dos estímulos que vêm dos nossos sentidos e a relacioná-los com conteúdos próprios – nossas lembranças, vivências pessoais e informações que já temos – e com o mundo em que vivemos. A arte, enfim, é uma ocasião de prazer porque nos oferece a compreensão profunda do mundo e de nós mesmos (ARANHA-MARTINS, 2009, p.413).

Neste contexto, apresentado pelo autor, percebo a arte como interdisciplinar, já que ela trata, também, sobre a compreensão de mundo, ou seja,

vemos diversas partes para formar um todo. Apesar de aprendermos, ainda a partir de um currículo fragmentado (dança, informática, matemática, entre outras)esses conhecimentos fazem parte de uma grande rede, estão ligados uns aos outros, se relacionando. Assim também é na arte, e a experiência que temos com ela. As linguagens da arte se relacionam assim como se conectam com outras áreas do conhecimento. Segundo Pavan (2017, p. 51)

A arte é interdisciplinar, antes mesmo do conceito seradotado, tendo em vista que ela se desenvolveu entre os meios sociais da história da humanidade, permeando entre as suas mais diversas linguagens e outras áreas de conhecimento. (...) Considerando o processo de criação e de apreciação de uma obra: o qual perpassa entre a escolha da linguagem, dos materiais e da poética envolvendo a obra no seu resultado final. (...) Estas experiências para o artista em seu processo criativo são o que compõe a interdisciplinaridade na arte, quanto ao artista e a obra, quando discutimos a arte contemporânea, tendo em vista as mais variadas possibilidades de materiais e expressões artísticas a serem explorados.

Estas experiências, tanto entre artista e obra, ou apreciador e a obra, para Larrosa (2004, p.28), reforçam que a “experiência é irrepetível”, pois ela é imprevisível e sempre será como a primeira vez. A cada dia minha bagagem de experiências se preenche mais, me transformando a cada dia. Por isso, quando apreciarmos uma obra, ou vivenciarmos uma ação artística, a experiência será ampliada, mostrando novas possibilidades.

Logo, percebemos que a educação em arte, seja ela em uma escola institucionalizada ou em espaços não formais como museus, CRAS, instituições, entre outros, deve-se basear-se a partir de encontros que promovam a da experiência que, a aprendizagem se torne significativa para a criança/adolescente.

Para que possamos compreender melhor a respeito da arte como expressão do cotidiano, o próximo capítulo dialoga com autores e artistas que realizam esta ponte entre a produção e o mundo que vivem, registrando de maneira sensível suas percepções de mundo.

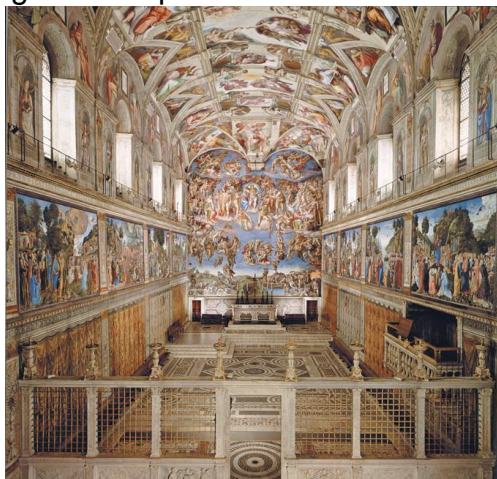
5 FRAGMENTOS DE NARRATIVA: ARTE COMO EXPRESSÃO DO COTIDIANO

Arte é a expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão; é a sensibilidade, criatividade, é vida.
Jung

Ao longo dos anos a arte acompanha gerações para contar o passado e ser atuante no presente. Desde a Pré-história o homem se comunicava e representava o mundo com a arte, marcando assim sua época e deixando um registro na história. Arheim (2004, p. 293) contribui com essa reflexão ao afirmar que “as obras de arte são eventos que ocorrem no tempo. Elas mudam de aspecto à medida que subsistem no espírito de sucessivas gerações. Ao mesmo tempo, podem conservar o suficiente de sua natureza essencial para manterem sua identidade”.

Acompanhando o processo histórico, a arte passou a se apresentar de uma forma mais complexa, criando técnicas que a inovou a cada período. Durante a Idade Média (Séc. V ao XV) a arte também passou a atender aos interesses da igreja Católica e da nobreza. Um exemplo a ser citado é a capela Sistina, localizada no Palácio Apostólico no Vaticano em Roma. A capela tem sua decoração realizada em afresco, sendo esta uma das várias técnicas desenvolvidas para a pintura, pelos maiores artistas de sua época como Botticelli (1445 – 1510) e Michelangelo (1475 – 1564). Abaixo temos a imagem 01 que mostra claramente as pinturas na capela Sistina.

Imagem 2: Capela Sistina - Vaticano



Fonte: www.wikimedia.org

Neste modelo de arte, as produções apresentavam um padrão, o qual era idealizado por um grupo, já que a arte precisava “agradar” os seus financiadores. Entretanto, com o passar dos anos, a arte se despreendeu destas tradições. Sendo que no decorrer dessa trajetória novos estilos artísticos foram desenvolvidos e estudados, novas formas de expressão foram reconhecidas, sendo estas: a dança, o teatro, arquitetura, a música, fotografia, entre outras.

Outro exemplo claro, da arte como expressão do cotidiano, é a obra de arte “Guernica”, 1937. Essa pintura de grandes dimensões, medindo 3,51 X 7,82 m, do renomado artista Pablo Picasso traz em si um emaranhado de sentimentos e significados. Em janeiro de 1937, o governo da Espanha encomendou a Pablo Picasso obras para representar o país. Porém, no mesmo ano, aviões militares sob o comando de Hitler destruíram a antiga cidade de Guernica, sendo que esta tragédia passou a ser o tema do trabalho de Picasso, representando a dor, a morte e a tragédia. Arnheim (1976) define esta obra como “um intrincado tecido de pensamentos, não um mero lamento”.

Como podemos observar na imagem abaixo, a obra mostra partes do corpo mutiladas, animais em agonia de dor, é como se pudéssemos ouvir seus gritos.

Imagem 3: Guernica - Pablo Picasso 1937



Fonte: www.infoescola.com

Nesta obra também podemos perceber como a arte é uma forma de expressão do cotidiano e do mundo que nos cerca. Ela não apenas representa com o intuito de contar uma história, mas está ali para fazer história. Nas palavras do próprio artista “Não, a pintura não está feita para decorar apartamentos. Ela é uma arma de ataque e defesa contra o inimigo” (MEIRA, 2017, p. 30). Diante desta

imagem, concordamos com Frank (1961) quando nos diz que a arte é uma forma de expressão porque ela tem motivação nos sentimentos e experiências do artista. Assim sendo, salienta que,

A criação de uma obra de arte é um processo constituído pelos seguintes momentos: primeiro, o artista tem uma experiência ou um sentimento que pode ser o medo ou a alegria, a angústia ou a esperança. Decide então partilhar esse sentimento com os outros, incuti-lo, dar-lhes esse mesmo sentimento de modo a que eles se tornem, por exemplo, alegres e esperançados ou angustiados e receosos. Para comunicar este sentimento aos seus semelhantes cria uma obra de arte - uma história, um romance, uma peça teatral, um poema, um tema musical, um quadro, etc. [...]. A arte é essencialmente uma forma de comunicação no sentido em que o sentimento que levou o artista a criar a sua obra é também vivido pela sua audiência (FRANK, 1961, p. 723).

Para Frank (1961) a arte deve nos causar alterações, sentimentais e físicas, fazer-nos refletir, nos impactar, se internalizar. Assim fez o artista Artur Barrio, nascido no ano de 1945 em Portugal, mas que vive no Rio de Janeiro desde 1955. Em suas produções o artista visava a experiência e não a imagem do objeto. A maioria de suas obras não podem ser guardadas em museus ou ser colocadas em paredes de casas ou apartamentos. Suas produções se caracterizam pela utilização de materiais inusitados e efêmeros como sal, papel higiênico, sangue, pó de café e carne. Durante o período da ditadura militar no Brasil (1964 – 1985) realizou diversas intervenções urbanas como forma de protesto ao regime. A imagem a seguir trata-se de uma de suas intervenções, que consistia em espalhar pelas ruas da cidade, trouxas de pano ensanguentadas. Havia também alguns embrulhos com carne e ossos. Estes “pacotes” provocavam reação imediata no público e na mídia, como nojo, ânsia e repúdio. Com isso o artista questionava o regime militar, refletindo sobre o grandioso número de vítimas que gerou a ditadura e provoca reflexões no público através da experiência.

Imagem 4: Sem título - Arthur Barrio



Como produto da criação humana, a Arte Contemporânea traz em si pensamentos, questões sociais e culturais, nos levando a refletir, conhecer, viver a experiência do ser. Enquanto o artista, através da Arte, exterioriza a sua experiência, o seu sentimento, o expectador também através da experiência estética provocada poderá internalizar.

5.1 FRIDA KAHLO

Pensavam que eu era uma surrealista, mas eu não era. Nunca pintei sonhos. Pintava a minha própria realidade.

Frida Kahlo

Considerando que esta pesquisa, trata de experiência e expressão, é cabível destacar uma artista que marcou o mundo da Arte, por sua vida repleta de experiências e expressa-las através da Arte, e que motivou pensar em uma proposta de pesquisa em Arte com as crianças e adolescentes que frequentam o SCVF.

Alguém que foi única e intensa - como descrever a vida de uma das mais influentes artistas da história? Frida Kahlo teve uma vida repleta de experiências as quais podem ser perfeitamente representadas pelas suas obras. Sendo esta uma das formas pela qual podemos entender a profundidade de seus sentimentos e experiências. Uma artista que destacava seu cotidiano em suas obras se faz necessário pontuar alguns aspectos de sua vida para melhor compreender e sentir sua produção.

Nascida no México, Frida Kahlo, segundo Tibol (1983) expressou sua vida em suas obras expondo seus sentimentos, suas dores, sua visão de mundo. Conseguiu através da arte se expressar, transcender as dores e sofrimentos que passou ao longo da vida. A imagem a seguir, mostra uma fotografia registrada em sete de fevereiro de 1926 na qual Frida Kahlo está usando vestimentas masculinas, acompanhada por outros membros de sua família.

Imagem 5: Fotografia de Frida Kahlo 1926



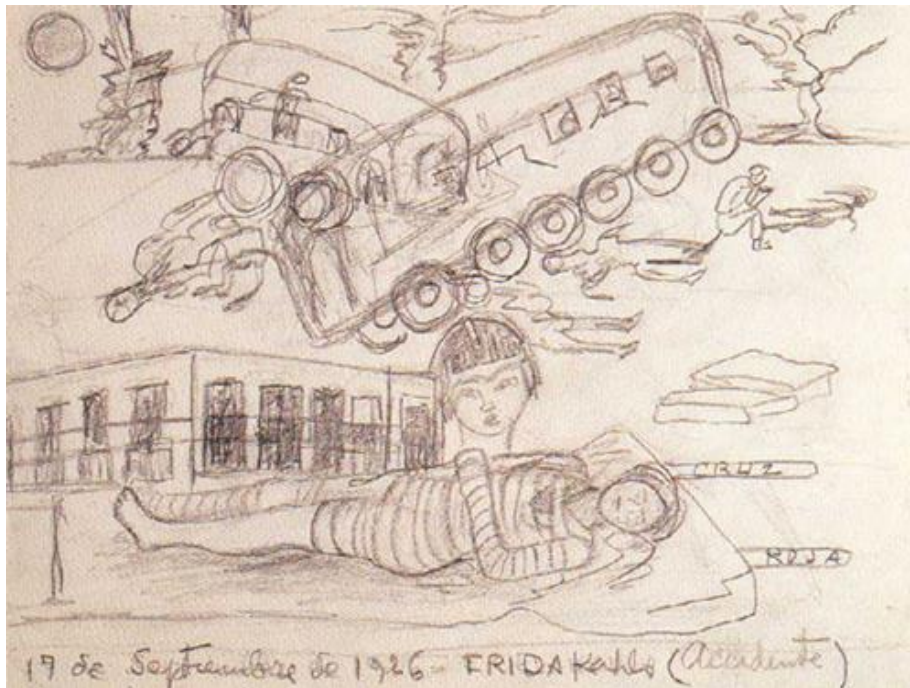
Fonte: <https://inspi.com.br/wp-content/uploads/2015/10/frida-kahlo-boy-1.jpg>

No dia 17 de Setembro de 1925, com apenas 19 anos de idade, a vida de Frida Kahlo mudou drasticamente. Ao voltar para casa da Escola Nacional Preparatória para casa sofreu um terrível acidente que deixou em seu corpo diversas sequelas. O ônibus que Frida estava colidiu com um bonde elétrico e várias pessoas foram a óbito imediatamente. A artista ficou gravemente ferida.

Devido ao acidente, ficou de cama durante três meses. Passou um mês no hospital. Depois de inicialmente parecer ter recuperado por completo, começou a sentir dores na coluna e no pé direito. Também se sentia sempre cansada. Aproximadamente um ano depois, deu de novo entrada no hospital. A coluna não fora radiografada na altura do acidente, e só então se descobria que tinha várias vértebras deslocadas. Durante os nove meses seguintes teve de usar uma série de coletes de gesso (KETTENMANN 1994, p.17).

Um ano após o acidente Frida Kahlo produziu um esboço feito à lápis, no qual registrou este momento. O desenho intitulado “Acidente”, 1926, segundo Herrera (1983), Frida esquematiza na parte de cima do desenho o momento da colisão entre o ônibus e o bonde elétrico, com diversos corpos espalhados em volta. No primeiro plano destaca seu próprio o corpo deitado em uma maca e acima seu rosto visualizando a cena. Também consta no esboço a fachada da casa azul, lugar onde nasceu e viveu grande parte de sua vida.

Imagem 6: Acidente - Frida Kahlo 1926



Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>

Foi neste período de repouso para tratamento médico, para diminuir o sofrimento que estava sentindo que Frida Kahlo começou a pintar. No alto de sua cama foi colocado um espelho, onde Frida podia se ver, sendo a principal modelo de suas produções, pintando inúmeros autorretratos. Anos mais tarde, Frida Kahlo comenta sobre: “Eu pinto-me porque estou muitas vezes sozinha e porque sou o tema que conheço melhor.” (HERRERA, 1983, p.11). Nestas obras de autorretrato, produzidas pela artista, é possível perceber suas etapas de desenvolvimento artístico e pessoal, tendo em vista que Frida Kahlo colocava além de seu estado físico em suas obras, mas também registrava suas dores, tristezas e amores.

Segundo Kettenmann (1994) Frida Kahlo cresceu vendo seu pai pintar e desenhar paisagens em Coyoacán, sua cidade natal. Assim, quando se viu presa em uma cama, para realizar seu tratamento de saúde, pediu ao seu pai a caixa de pinceis e tintas e um cavalete foi adaptado para que ela conseguisse pintar mesmo estando engessada e acamada.

Durante o longo tempo em que ficou limitada a cama, Frida estudou minuciosamente sua própria imagem que refletia no espelho, e assim fazia análise de seu estado físico e psicológico, descobrindo seu “eu” interior, seus sentimentos, seus desejos.

Depois de um longo tempo se tratando, a artista melhorou e pode explorar a vida. Frida Kahlo viveu intensamente e teve ao longo dos anos diversos amantes - tanto homens como mulheres, mas o seu grande amor foi o também artista mexicano, Diego Rivera. Com Diego teve um relacionamento complexo, visto a tendência do artista de se relacionar com outras mulheres.

Em 1930, já estando casada com Diego, Frida Kahlo precisou fazer um aborto por razões médicas – devido ao acidente Frida seria incapaz de levar uma gravidez até o fim, e essa experiência a abalou fortemente diante do desejo da maternidade. Enquanto estava internada no hospital, devido ao aborto, a artista começou a registrar essa experiência traumática. Com lápis e papel, desenhou a sua dor e pintou um quadro feito a óleo intitulado de “O Hospital Henry Ford”, 1932.

Imagem 7: O hospital Henry Ford - Frida Kahlo 1932



Fonte: <http://www.projetoalfa.com.br>

Nesta obra, podemos perceber a própria artista retratada, nua em uma maca do hospital Henry Ford. O lençol branco da maca está manchado com seu próprio sangue, indicando o aborto que sofreu. Pode-se compreender, com base na leitura de Kettenmann (1994, p. 33), que,

Por cima da barriga, ainda ligeiramente inchada por causa da gravidez, estão três fitas vermelhas, como se fossem artérias, que ela segura com a mão esquerda, e que tem seis objetos atados as suas pontas – símbolos da

sua sexualidade e da gravidez falhada. A fita que está por cima da poça de sangue à volta da pélvis transforma-se num cordão umbilical e leva-nos até a um feto masculino de tamanho invulgar em posição embrionária. É o bebê que perdeu o pequeno “dieguito” que ela esperava trazer dentro de si durante nove meses. Por cima da cabeceira da cama, à direita, vê-se um caracol a flutua. Segundo a própria Frida Kahlo, é um símbolo da interrupção da gravidez que ainda era de curta duração.

Em 1939, devido ao desgaste no casamento, Frida Kahlo e Diego Rivera se divorciaram. Pouco tempo após o divórcio Frida Kahlo, finaliza mais uma de suas obras, o autorretrato intitulado “As Duas Fridas”, 1939, que segundo Kettenmann (1994, p.53), esta obra,

[...] nos mostra uma Frida Kahlo composta por duas personalidades diferentes, foi acabado pouco depois do divórcio e evoca as emoções que rodearam a separação e a crise matrimonial. A parte da sua pessoa que foi respeitada e amada por Diego Rivera, a Frida mexicana com o vestido tehuana, tem na mão um amuleto com a fotografia do marido enquanto criança; esse mesmo amuleto foi encontrado entre os bens da artista depois da sua morte e está agora exposto no museu Frida Kahlo. Ao lado dela, está sentado o seu *alter ego*, uma Frida mais européia, com um vestido branco de renda. Os corações das duas mulheres estão a vista, ligados apenas por uma frágil artéria. As duas pontas das suas outras artérias estão separadas. Com a perda do seu amado, porém, a Frida européia perdeu parte de si. Vemos sangue a pingar da recém cortada artéria que apenas se tenta estancar com uma tesoura de cirurgião. A Frida rejeitada corre perigo de se esvair em sangue até a morte (KETTENMANN, 1994, p. 52).

Esta obra mostra a realidade que Frida visualizava ao seu redor e em seu interior. Foi após o divórcio que Frida mergulhou em sua arte passando a aumentar sua produção, pois não queria mais depender financeiramente de outras pessoas, inclusive de Diego Rivera.

Imagem 8: As duas Fridas - Frida Kahlo 1939



Fonte: <http://www.arteeartistas.com.br/as-duas-fridas>

Esta obra mostra a realidade que Frida visualizava ao seu redor e em seu interior. Assim como outras experiências na vida da artista se tornaram tema de suas obras, como a independência alcançada por ela em “Auto-Retrato com cabelo cortado” em 1940.

Imagem 9: Auto-retrato com cabelo cortado - Frida Kahlo 1940



Fonte: http://1.bp.blogspot.com/LPEtGFiGg/TpX_D2dlxSI/AAAAAAAAAb4/41b7j2X4iJM/s1600/Auto-retrato-com-cabelo-cortado.jpg

Aos 37 anos de idade a saúde de Frida se declinava e com o passar dos dias, as dores no seu corpo começaram a se acentuar de tal modo que a artista foi obrigada a permanecer em casa, na cidade de Coyoacán. Em uma viagem artística psicológica em meio ao seu sofrimento, Frida registra em outras obras seu sofrimento diante do agravamento de seu estado de saúde, como nas obras “A coluna partida”. Frida passa por várias cirurgias para tentar melhorar sua saúde e na noite de 12 de julho de 1954, devido a uma forte pneumonia, veio a falecer.

*"Espero que minha partida seja feliz, e espero nunca mais regressar".
Frida Kahlo*

5.2 LAMBE-LAMBE: ARTE COMO INTERVENÇÃO URBANA

A intervenção urbana é uma manifestação artística que se apropria de espaços públicos e busca explorar os limites geográficos, sociais e políticos, ressignificando os espaços que a rua oferece. É uma manifestação que questiona a vida, leva o público a pensar e analisar um assunto que é proposto pelo artista. Para Pallamim (2002, p. 16) a arte na intervenção urbana está repleta de reflexões acerca dos problemas cotidianos da contemporaneidade e fruição.

Pallamin (2002) destaca que a intervenção urbana abre possibilidades para diversas manifestações artísticas, como o Lambe-Lambe, que consiste em uma intervenção que se utiliza da colagem de cartazes, no qual se busca dar uma ressignificação. Esta prática, apesar de ser mais evidente na contemporaneidade, já é antiga. Porém o termo “Lambe-Lambe” surgiu apenas no século XXI, pois apesar de ter como base o cartaz sua função é diferente, já que está vinculada a um movimento crítico e reflexivo.

A evolução do cartaz, segundo Oliveira (2015) acompanhou o desenvolvimento da tecnologia, dos maquinários para produção. Inicialmente, os cartazes desenvolvidos possuíam um caráter informativo e comercial – o cartaz deveria ser funcional – anunciar vendas, cartazes de procurados da justiça, entre outros. Porém, em 1816, com a criação da primeira gráfica de impressão colorida na cidade de Paris, na França, o cartaz se mostrou mais uma possibilidade de expressão na arte. Segundo Oliveira (2015)

A impressão litográfica foi o avanço tecnológico responsável pelo florescimento e pela difusão dos cartazes impressos em diversas partes do mundo. Assim, o caráter reprodutivo desse tipo de impressão tornou os cartazes objetos de mídia que passaram a ser utilizados por mercados e governos, atraídos pela possibilidade de produzi-los em larga escala. Isto porque, dessa forma, os cartazes teriam maior poder de alcance (p. 8).

Sendo assim, durante segunda a metade do século XIX, um artista se destacou por utilizar essa técnica para produzir cartazes artísticos. Henri de Toulouse-Lautrec retratava cenas da vida noturna parisiense, como pode-se observar na imagem a seguir.

Imagem 10: Troupe de Mlle Elegantine - Henri de Toulouse-Lautrec 1896



Fonte: https://dailygazette.com/sites/default/files/styles/article_image/public/media/img/photos/2016/05/24/4t_exh_Troupe.jpg?itok=NumEHrRI

O uso de cartazes também se mostrou muito eficiente em momentos históricos de alguns países. O cartaz era utilizado durante as guerras com o intuito de reforçar o ódio com a nação inimiga e o amor a própria pátria. Um exemplo disso é o próprio Adolf Hitler, o qual percebeu as potencialidades do cartaz e se apropriou dessa estratégia na segunda Guerra Mundial (1939–1945). Segundo Oliveira (2015, p.10),

Durante o nazismo, elementos utilizados nas mensagens, como a simplicidade, a repetição e a emoção, foram os pontos essenciais de toda a propaganda política alemã. O objetivo dos cartazes, nesse contexto, era despertar a atenção das massas e conquistar seu apoio ao governo vigente.

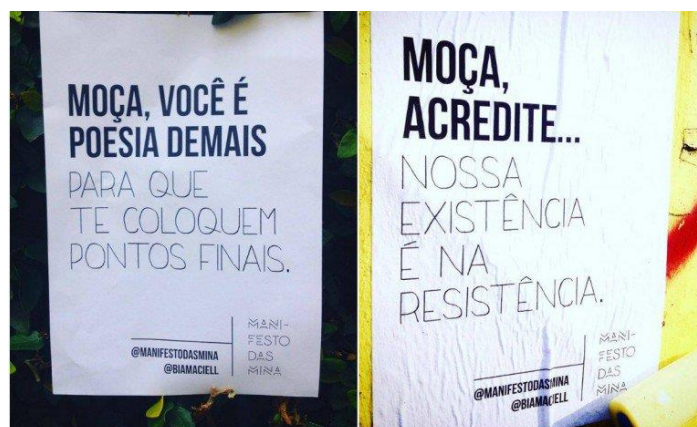
Atualmente, é possível encontrar lambe-lambes espalhados pelas ruas em diversas cidades do Brasil, onde cada artista traz uma reflexão diferente a partir de temas como a política, questões sociais, ambientais, a transmissão de ideias e pensamentos. A imagem a seguir refere-se à produção da artista Laura Guimarães que espalha pelos muros da cidade cartazes com trechos de poesias literárias.



Fonte: http://1.bp.blogspot.com/wh1kUzX15I/UNHO5UrhuvI/AAAAAAAABp8/XECJwV-ayN4/s1600/IMG_20121218_205252.jpg

Outro exemplo do Lambe-Lambe na contemporaneidade no Brasil é a paulistana Bianca Maciel, que em 2016 criou o projeto “Manifesto das Mina”. A artista espalha diversos lambe-lambes com frases pelos bairros de São Paulo com objetivo de dar voz à mulher e levar a população a refletir sobre problemas como a agressão contra mulher. Na imagem a seguir, é possível ver dois lambe-lambes produzidos pela artista.

Imagem 12: Manifesto das Mina - Bianca Maciel 2016



Fonte: <https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/2016/04/Manifesto-das-Mina-destaque.jpg>

O Lambe-Lambe pode ser criado digitalmente ou ser colagens, desenhos, stencil, e geralmente são fixados em espaços públicos com “cola de farinha”, que utiliza basicamente farinha, vinagre e água. É uma arte efêmera, porém proporciona ao público a reflexão e a fruição entre a obra e o espectador. Essa técnica possibilita alcançar um grande número de pessoas, tendo em vista que sua exposição é realizada em lugares estratégicos para melhor visualização. O Lambe-Lambe, pode provocar uma experiência estética espontânea: quando vamos a uma exposição de arte, já estamos preparados para ser impactados pelas produções, mas com o Lambe-Lambe intervindo nos espaços públicos, somos “pegos de surpresa” enquanto estamos em nossas rotinas diárias, despreparados para essa situação, nos impactando e levando a uma reflexão. Foi com este propósito, de compreender sobre a arte como expressão do cotidiano e oportunizar esta experiência as crianças e adolescentes do SCFV que o próximo capítulo apresenta a respeito da oficina realizada, na qual utiliza como metodologia o espaço de narrativa.

6 A EXPERIÊNCIA DE EXPRESSAR: COMO ACONTECEU A OFICINA

Após o estudo à luz de um referencial teórico pertinente sobre o assunto, inicio aqui a análise dos dados coletados durante a oficina ministrada no SCFV de Jacinto Machado - SC. Os objetivos apresentados ao longo da pesquisa serviram de base para a construção da oficina e conduziram esta reflexão. A metodologia utilizado, como já mencionada no capítulo “Direção do Percurso,’ é de espaços de narrativas. Sobre isso Honorato afirma que este tipo de pesquisa

[..] é considerada como uma das ações que se dá em um campo de tensão permeado pela imaginação, pela cultura e pela linguagem; campo no qual a criança está atribuindo significação aos dados da cultura, numa estratégia contínua de leitura e produção de sentidos (2007, p.13).

Como ressalta Honorato (2007) é neste campo que permeia a imaginação e a cultura individual de cada participante, que o aluno ou participante irá dar sentido a aprendizagem. Nesta pesquisa, ao longo do referencial teórico assim como durante a oficina, ficou evidente que nestes espaços o aluno se expressa com liberdade e atribui significados a sua realidade.

Intitulada de “Arte, Expressão e Experiência” a oficina teve como objetivo geral possibilitar aos participantes expressar artisticamente suas vivências e histórias de vida utilizando-se da linguagem visual a partir da criação de lambe-lambe em diálogo com a produção artística da artista Frida Kahlo, conforme o planejamento que encontra-se no Apêndice C. A oficina foi realizada em dois momentos, em um primeiro para apresentar a proposta às crianças e adolescentes que frequentam o SCFV e organizar o trabalho; em um segundo momento realizando a proposta de criação. Com o intuito de preservar a identidade de todos, estes serão identificados da seguinte maneira: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7 e A8 e suas falas serão destacadas em *itálico* para melhor identifica-las no texto.

6.1 PRIMEIRO ENCONTRO:

Neste primeiro contato com os participantes me apresentei aos alunos e expliquei de forma breve sobre minha pesquisa. Falei sobre o curso de Licenciatura em Artes Visuais, sobre a UNESCO e sobre a disciplina de TCC. Entreguei para todos (as) as autorizações de uso de imagem/falas (Apêndice B) e salientei a importância de trazerem este documento devidamente assinado por seus pais ou responsáveis

durante a semana, pois só poderiam participar da oficina mediante esta autorização. Com o auxílio do funcionário responsável do SCFV mobilizei o grupo para a participação da oficina, realizada no dia 03 de outubro.

6.2 SEGUNDO ENCONTRO:

Como planejado, a oficina ocorreu na terça-feira, 03 de outubro de 2017, no turno matutino, contando com 8 participantes do SCFV com idades entre 7 e 14 anos e que vivem em situação de vulnerabilidade social conforme cadastro do CRAS. A ação foi realizada no espaço de lazer do SCFV com o auxílio de um televisor e notebook. Para melhor analisar a oficina, esta foi filmada a fim de registrar o envolvimento dos participantes, suas reações e conseguir copilar as falas. Entretanto, esta ficou sobre sigilo, não sendo divulgada.

Apresentei a proposta para os participantes e fomos então debatendo sobre o assunto juntos, com comentários produtivos e valiosos de cada um.

Utilizando slides apresentei e contextualizei todo conteúdo programado aos participantes, desde uma introdução sobre Intervenção Urbana até reflexões sobre a artista Frida Kahlo, que inspirou a criação das composições que tratavam de experiências e expressões cotidianas dos participantes.

Iniciei nossa conversa explicando para os alunos o título de nossa oficina: Arte, expressão e Experiência. Ao longo da conversa perguntei aos alunos o que eles entendiam sobre essas três palavras e à medida que surgiam as respostas, explicava para eles.

Perguntei para os alunos o que eles entendem sobre arte. O participante A1 respondeu: *“Arte é desenhar, fazer coisas com barro.”* O participante A2 complementou: *“pode ser cerâmica e tecido”*. Os participantes não conseguiram construir uma resposta do que de fato é arte, pois devido ao pouco acesso a diferentes linguagens da arte, os participantes do SCFV a percebem unicamente como algo bonito, que serve para colorir, sendo restrito ao desenho, pintura e escultura, não tendo entendimento de que a arte é expressão e está intimamente ligada com suas vidas. Questionei os participantes sobre o que aprendiam nas aulas de Artes em suas escolas. A participante A3 respondeu: *“desenho e pintura”*. Porém a maioria, não demonstrou em nenhum momento algum conhecimento com propriedade sobre o que de fato aprenderam nessas aulas, ressaltaram apenas que é o momento do desenho e da pintura. Assim, entende-se que,

O estereótipo torna-se alternativa facilmente adotada na expressão plástica por se apresentar como forma segura de representação, um modo de não arriscar, de não se expor. Essa busca de garantia de aprovação resulta em trabalhos mecânicos, acomodados, sem desafios (BUORO, 2003, p. 36).

Em seguida, perguntei aos alunos o que entendiam por Expressão. O participante A8, falou: *“Eu sei o que é isso. É quando alguém está sentindo alguma coisa, e fala.”* O restante do grupo não se manifestou. Então expliquei para o grupo acrescentando as palavras do participante A8, que expressão é demonstrar o que se sente, o que pensa, sendo possível expressar através das possibilidades da Arte. Segundo Pareyson, (1984, p.30),

[...] a obra de arte é expressiva enquanto é forma, isto é, organismo que vive por conta própria e contém tudo quanto deve conter. Ela exprime, então, a personalidade do seu autor, não tanto no sentido de que a trai, ou a denuncia, ou a declara, mas antes, no sentido de que a é, e nela até a mínima partícula é mais reveladora a cerca da pessoa de seu autor do que de qualquer confissão direta e a espiritualidade que nela se exprime está completamente identificada como o estilo. A forma é expressiva enquanto seu ser é um dizer, e ela não tanto tem quanto antes é um significado. De modo que se pode concluir, que, em arte, o conceito de expressão deriva o seu especial significado daquele de forma.

Seguindo em nossa oficina, perguntei aos participantes, o que é experiência? Neste momento tivemos silêncio na sala. Nenhum participante respondeu. Mas a participante A7 perguntou: “experiência é quando ficamos felizes?”. Então respondi aos alunos que experiências são esses momentos em que vivemos e estes nos marcam, nos tocam. Como aponta Bondia (2004), já citado nesta pesquisa, não passa por nós, mas em nós. Diante dessa explicação, o participante A3, questionou: “É quando eu aprendo?” E ressaltéi que sim, já que a experiência se torna um momento marcante, o qual se torna difícil de esquecer. Pois uma aprendizagem significativa transforma o olhar de todos diante de algo.

Após este momento de introdução, iniciei uma fala sobre Intervenção Urbana. Porém a cada assunto que se apresentava em minha explicação, eu perguntava aos participantes o que eles entendiam sobre aquilo. Pois Deleuze (1988, p. 54) alerta que “nada aprendemos com aqueles que nos dizem faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem façam comigo”. Durante a explicação, as crianças e adolescentes se mantiveram bem atentos e se mostraram muito empolgados quando falei que iríamos realizar nesta oficina uma intervenção.

Ficaram impactados quando mostrava imagens de algumas intervenções. Falavam em uníssono “Nossa”. E perguntavam: “o que é isso?” Quando iniciei a fala sobre os Lambe-Lambes, todos os alunos falaram que não conheciam essa técnica e que nunca tinham visto. Quando mostrei as imagens dos Lambe-Lambes, as crianças e adolescentes leram os textos dos cartazes e se aproximavam da tela para poder contemplar. A participante A4 destacou: “*lindos*”.

Assim que mostrei as imagens, iniciei uma fala sobre Frida Kahlo. Perguntei se já tinham ouvido falar sobre esta artista. A resposta foi única: “*Não*”. Então iniciei uma apresentação sobre a vida e obra da artista. A cada obra que eu apresentava todos faziam expressões de espanto e de impacto. Pouco se comunicavam com palavras. Destaquei várias vezes que podiam dar suas contribuições, questionar, comentar, para que assim pudessem se sentir mais à vontade. Apesar das poucas palavras, estavam a todo momento atentos. Quando mostrei a obra “autorretrato na fronteira do México com os Estados Unidos” 1932. O participante A2 falou: “*eu entendi essa obra. De um lado é o México e do outro é os Estados Unidos e ela está no meio.*” Em outra produção, “Diego e Eu” de 1949, perguntei o que eles conseguiam entender e o participante A8 respondeu: “*Ela está chorando e com o cabelo enrolado em volta do pescoço*”. Então completei a fala do participante destacando como a obra mostra um momento vivido pela artista.

Percebi em todos os participantes um grande interesse em relação aos novos conhecimentos que foram apresentados. Aconteceu de forma mútua a troca de experiências e comparações referentes ao que lhes era apresentado e o que vivenciam em suas vidas.

Após toda contextualização e conversa partimos para as produções, na qual eles poderiam se inspirar na forma como Frida representa seu mundo, como criar e estabelecer uma nova relação com o próprio mundo. Utilizando da linguagem Lambe-Lambe a proposta deu-se em exteriorizar o que sentiam e/ou viviam em locais públicos da cidade de Jacinto Machado/SC, mostrando como a arte e a vida são intimamente ligadas. Os participantes poderiam produzir o Lambe-Lambe a partir de três questões provocativas, podendo escolher uma delas ou envolver as três: Que vida eu tenho? Que vida eu gostaria de ter? Quem sou eu? Estas questões foram escolhidas para motivar a produção, pois “os conteúdos são importantes, mas só adquirem sentido quando estão conectados com outros

conteúdos e áreas do conhecimento, com a vida que temos e a que desejamos” (MODINGER, 2012, p. 51).

Em uma mesa, disponibilizei diversos materiais para a produção artística dos participantes, que puderam ali refletir e expressar suas vontades, desejos e questões pessoais. A produção foi espontânea enquanto eu apenas observada e distribuía os materiais, para que cada um se expressasse com liberdade e protagonismo.

Assim que todos finalizaram as produções e antes da intervenção, fizemos uma roda de conversa onde pedi para que cada um falasse sobre elas, caso desejassem. O participante A8 iniciou falando: *“Eu respondi a duas questões. A primeira foi – que vida você gostaria de ter – essa não é a vida que eu gostaria de ter, mas minha mãe gostaria de ter essa vida, uma vida boa com mais condições financeiras. A outra pergunta – quem sou eu – expressei minha alegria”*. O participante A2 falou que: *“Também escolhi duas perguntas para responder. Eu coleí essa imagem de guerra porque eu gostaria de ser um policial para salvar as pessoas. E me desenhei chorando porque eu queria ser mais feliz.”* A participante A1 falou sobre sua produção: *“eu falei sobre a vida que eu gostaria de ter, desenhei uma casa bonita, pra minha família”*. As participantes A4 e A5 ficaram com vergonha e não se manifestaram com falas, mas mostraram suas produções para o grande grupo. A participante A7 apesar da vergonha falou para o grande grupo sobre sua produção: *“eu desenhei uma casa na praia. Meu sonho é morar em um lugar bem calmo, só pra mim é pra minha família. Queria uma casa que cada um tivesse seu quarto”*.

A participante A3 é a mais nova do grupo, com sete anos, e destaca: *“Eu desenhei minha família. Eu queria ficar mais tempo com a minha mãe. Eu queria ter um quarto só pra mim, com meus brinquedos e minhas roupas”*. A participante A6, é irmã da participante A3, fez um desenho com características semelhantes de sua irmã: *“eu também queria um quarto só pra mim com as minhas coisas e queria passar mais tempo sozinha com a minha mãe.”*

A partir das falas e das produções realizadas pelas crianças e adolescentes percebi quantos sentimentos e sonhos existem naquelas produções. Crianças e adolescentes que possuem um início de vida difícil. Essa observação que trago é do meu olhar como ser humano independente de formalidades. Suas produções mostram desejos em relação à vida que possuem, a necessidade de um

espaço, de mais atenção de seus familiares, seus sonhos e desejos de mudança. Não destacam como é a vida, mas como gostariam que fosse. Foi possível perceber que todos estavam atentos na explicação, empolgadas com a atividade, porém envergonhadas na hora de falar da própria vida e admitir o que se passa.

Na finalização da roda de conversa, apresentei aos participantes como iríamos aplicar essas produções, intervindo no espaço urbano. Realizei cópias de suas produções e colamos em diferentes locais utilizando cola cascorez diluída em água. Todos os participantes receberam um recipiente com cola e nos dirigimos até a rua para a colagem dos lambe-lambes. Expliquei com um dos desenhos como faríamos a colagem, em seguida oportunizei tempo e espaço para que cada um colasse a sua composição e escolhessem o melhor lugar para intervir.

Na imagem a seguir, as crianças mostram as cópias de suas produções prontos para fazer a intervenção.

Imagem 13: Fotografia da Oficina



Fonte: Arquivo pessoal

Nessa imagem é possível visualizar as produções desenvolvidas pelos participantes e perceber as individualidades. Segundo Martins, Picosque e Guerra (2009, p. 73)

Toda produção artística é o resultado de uma elaboração significativa que é única, exclusiva de quem a faz, seja um artista consagrado ou você o autor

de tal obra. A produção ou a leitura dessa criação carrega todas as referências pessoais e culturais presentes nos seus autores e leitores.

A relação com a arte está diretamente ligada as suas narrativas, suas vivências e experiências. Suas declarações de relação com a arte na escola são superficiais, onde os participantes têm acesso apenas a desenhos de colorir ou colagens básicas, porém, com a oficina foi possível modificar este olhar e proporcionar que entendessem que arte pode ser sim uma via de expressão. Após a conversa e a apresentação da oficina os participantes conseguiram pensar e analisar uma composição artística, pensando e identificando, muitas vezes, algumas situações vivenciadas por eles. A partir dessa reflexão, trago as palavras de Martins, Picosque e Guerra (2009, p. 51) as quais afirmam que:

Nem toda obra artística que trata da mesma temática nos sensibiliza. Não é simplesmente o assunto, o conteúdo que nos emociona, mas a forma criada para expressá-lo. É aí que a marca pessoal do artista – a sua poética ou a marca coletiva vivida em processos colaborativos – se funda. É essa diferença no modo de produção que provoca em nós encantamento, repulsa, estranhamento, identificação, indiferença, reflexão.

Foi de extrema importância esse contato pessoal deles com o processo de criação e produção, desde o princípio até a finalização ao ser exposta em um ambiente público e de passagem intensa de seus familiares, colegas e até mesmo a equipe técnica do SCFV. Pude perceber, a partir das atitudes, o orgulho e expectativa destes participantes para que outras pessoas pudessem ver suas criações. As obras permanecem nos locais coladas até o momento da apresentação deste trabalho.

As imagens abaixo mostram o momento de colagem dos Lambe-lambes em alguns postes nas proximidades do SCFV.

Imagem 14: Fotografia da Oficina



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 15: Fotografia da Oficina



Fonte: Arquivo pessoal

Nessas imagens os alunos já estão colocando seus Lambe-Lambes nos locais escolhidos. Segundo a participante A7: “*Vamos colar aqui pra a mãe ver. Dai*

não precisamos contar pra ela. Quando elas virem os desenhos vão saber o que a gente quer”.

Através dos desenhos, desenvolvidos pelas crianças/adolescentes, pude perceber que a arte poderia estar mais presente na vida desses participantes, porém o pouco contanto que possuem com arte já traz a tona toda vontade de expressão e necessidade de atenção de cada um deles. É nesse contato com a arte que muitos mandam recados indiretos aos pais e responsáveis, que declaram situações que não conseguem falar, situações vivenciadas em casa que trazem angústia e sofrimento. A partir dessa reflexão, pode-se dizer que,

A obra de arte, vista em sua autonomia, traria, em última análise, uma unidade indissociável daquilo que é dado ver e daquilo que é dado sentir. Esses valores não podem ser colocados exatamente de forma justa e equilibrada porque suas medidas são imensuráveis e, desse modo uma pode prevalecer sobre a outra (CAMARGO, 2008, p.85).

De acordo com Camargo (2008) uma obra arte, uma produção feita por aluno, traz em si algo que eles queiram mostrar e o que sentem. Assim foi em nossa oficina. As crianças e adolescentes, além do que gostariam de mostrar em suas produções, também colocavam ali os seus sentimentos em relação ao que estávamos trabalhando: suas vidas. Através das composições visuais o desejo de uma vida futura, melhor do que a atual, foi destacada em algumas produções. Em cada desenho pude perceber sentimentos relacionados a falta da presença familiar, que faz diferença para esses participantes. Ficou nítida a necessidade de atenção e união familiar, quando a participante A4 falou: *“Pro, minha mãe vai poder ver meu desenho? Eu gostaria que ela visse, gostaria de passar mais tempo com ela em casa, numa casa com mais silêncio e com um quarto para cada um”*. Eles sabiam, desde o início, que a intervenção estaria exposta na parte externa do SCFV em um espaço público e que qualquer pessoa teria acesso a essas intervenções. O que me surpreendeu foi exatamente essa vontade de que mais pessoas pudessem ver e saber o que eles desejam, sem que eles precisem falar isso. Neste sentido concordo com Peixoto e Azevedo quando afirmam que:

A pluralidade expressiva das crianças é fruto de uma série de solicitações e experiências. Ao propor vivências utilizando diferentes linguagens e suportes, estamos oferecendo oportunidades, encorajando-as a se soltarem e transcenderem a si mesmas, explorando diferentes materiais/recursos, alicerçando-se na ideia de pesquisa, na busca de soluções frente aos

problemas artísticos, vivendo o processo criativo como produto da interlocução da afetividade/emoção com a cognição (2011, p. 87).

Ao longo da oficina, algumas crianças e adolescentes, por mais que eu as estimulasse, ficavam quietas, e apenas concordavam com os poucos que falavam. Mas no momento da produção, ao serem estimuladas com a arte a se expressarem, utilizando-se dos materiais que considerassem adequados, se mostraram ansiosas e com vontade para “falar”. Segundo Peixoto e Azevedo “[...] A criança ao ser estimulada na utilização de diferentes materiais, de maneira articulada/contextualizada e, portanto, significativa, estará ampliando seu contato com várias linguagens expressivas” (2011, p. 84). A partir da oficina percebi que quando o conhecimento é ensinado de forma que faça sentido para o aluno e este resulta em uma experiência ao invés de permanecer apenas como mais uma informação, o aluno o mantém para si ao invés de com pouco tempo vir a esquecer. Pude perceber que os participantes, ao final da oficina, já utilizavam os termos que os ensinei no início em seu vocabulário, como experiência e expressão. Os participantes quando queriam falar da artista, lembravam e pronunciavam o nome: Frida Kahlo. Percebi pelas falas e atitudes que as crianças e adolescentes de fato tiveram uma experiência com a arte e puderam se expressar, a sua maneira, aquilo que consideravam ser necessário. O objetivo de levar novos conhecimentos referente a arte para esses participantes não está apontado para que a mesma mude a vida deles de forma instantânea, a arte não vem com esse papel, mas por ser humanitária faz com que tenham um olhar mais leve em relação ao seu dia-a-dia, um olhar esperançoso que traga mais conforto e estímulos para busca de vida melhor, mais “colorida” e gratificante.

7 PROJETO DE EXTENSÃO: O ENSINO DA ARTE COMO EXPERIÊNCIA

7.1 EMENTA

Ensino não formal. Arte e experiência. Arte e expressão do cotidiano.

7.2 CARGA HORÁRIA

16 Horas/Aula

7.3 PÚBLICO-ALVO

Professores de artes em atuação em redes formais e não formais de ensino.

7.4 JUSTIFICATIVA

A sociedade está em constantes mudanças. Novas tecnologias surgem, mudanças ocorrem no âmbito social e político, e ainda existem os conflitos internos como os familiares. Neste contexto, somos afetados de variadas formas, cognitivas, emocionais, culturas, etc.

Diante disso, o professor de artes exerce um importante papel neste contexto, pois se faz necessário que ele tenha interesse em buscar novos conhecimentos e reconhecer a realidade social em que o aluno e a escola estão inseridos. É preciso que o professor se mantenha como pesquisador. Neste viés, Gadotti (2000) contribui ao dizer que:

Diante de novos espaços de formação e de inovação educacionais que se abrem hoje, a escola, mais do que lecionadora, deve ser gestora de conhecimento, e o professor, mais que um transmissor do conhecimento deve ser um animador, “um amigo do conhecimento” como dizia Sócrates, sobre o filósofo (p. 45).

O ensino da Arte deve fazer sentido para o aluno, assim como para o professor. Por que estudar este assunto nesse momento? De que forma isso vai influenciar nossas vidas? São perguntas necessárias no momento de um planejamento. É preciso que o aluno se encontre em meio aos conhecimentos que adquire com a arte.

Diante destas considerações, proponho o desenvolvimento de um projeto de curso que vise à formação continuada para professores de artes, sendo estes atuantes em diferentes espaços e níveis de ensino. A formação tem o intuito de proporcionar aos mesmos a possibilidade de se aprofundarem e discutirem sobre a necessidade da experiência artística, estética e de proporcionar ao aluno espaços para se expressarem e conhecerem sobre arte.

7.5 OBJETIVOS

7.5 1 Objetivo Geral

Proporcionar aos profissionais atuantes de artes, estudos e reflexões a cerca do ensino da arte com experiência e suas possibilidades de expressão.

7.5 2 Objetivos Específicos:

- Discutir teoricamente diversos autores que dialogam sobre a experiência na Arte.
- Refletir a cerca a arte e suas possibilidades de expressão.
- Ampliar o conhecimento dos professores sobre a experiência e expressão e a possibilidade de aprendizagem nos espaços não formais.

7.7 METODOLOGIA:

A proposta do curso poderá acontecer aos sábados durante a tarde, tendo em vista que a maioria dos professores participantes atuam em escolas ao longo da semana no período diurno (manhã e/ou tarde). Para o desenvolvimento dos encontros será necessário salas como laboratórios de informática e auditório com data-show. Segue a tabela 01 com o cronograma dos encontros, com suas cargas horárias, horários e descrição.

Tabela 01: Cronograma do curso de formação

Distribuição dos encontros propostos para o projeto de extensão			
Encontro	Horários	Carga Horária	Descrição de Atividade
1º	13h às 17h	4h/a	Este encontro será para a apresentação da temática contextualizando sobre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e aprofundando o assunto a partir de discussões. Trataremos sobre alguns conceitos: experiência, arte como expressão e ensino não formal a partir de referenciais teóricos como, BONDIA (2002), BARBOSA (2008), MARTINS-PICOSQUE-GUERRA (2008).
2º	13h às 17h	4h/a	Este encontro terá duas etapas. Na primeira, com o auxílio do data show, iremos estudar alguns artistas que abordam em suas obras a experiência e a expressão do cotidiano, sendo estes Frida Kahlo, Arthur Barrio e Pablo Picasso. No segundo momento, iremos para o laboratório de informática, onde será proposto aos participantes que, individualmente, façam um planejamento de um encontro que possa ser colocado em prática em seu local de atuação. Este planejamento deve ter como base as pontualidades estudadas em nossos encontros. (Experiência, expressão e uso dos espaços não formais) Terão este encontro para iniciar suas pesquisas. Será apresentado para o grande grupo no próximo encontro.
3º	13h às 17h	4h/a	Dando continuidade, teremos as apresentações dos planejamentos e faremos uma análise e discussão com o grande grupo.
4º	13h às 17h	4h/a	Neste último encontro, para encerrar o curso, teremos uma mesa redonda com professores/pesquisadores de Arte para falar sobre os assuntos abordados ao longo do curso, com o objetivo de complementar nossos estudos.

8 FIM DO PERCURSO?

Quando iniciei o processo de escrita no semestre passado, tive várias dúvidas e em alguns momentos me via com mais perguntas do que respostas. Mas, no decorrer desta pesquisa posso afirmar que a Arte tem um grande potencial para dar voz e marcar vidas, mas se faz necessário potencializar esses espaços para oportunizar a experiência.

Ao longo deste estudo, desenvolvido para o trabalho de conclusão de curso, diante de tudo que foi observado e vivenciado, através da fala de cada criança/adolescente e a luz do referencial teórico, acredito ter confirmado que o ensino da Arte significativo deve ter como eixo a experiência artística e estética, tanto nos espaços formais e como nos não formais de ensino.

A oficina realizada no SCFV auxiliou na compreensão da fala dos autores apresentados ao longo da pesquisa, como: Bondia (2004), Kettenmann (1994), Peixoto e Azevedo (2011), entre outros, na qual destacam que a experiência não é algo apenas que passa por nós, mas que nos transforma, nos transborda.

Na fala dos participantes, diante suas produções, ficou evidente que o planejamento deve levar em consideração a realidade do aluno e o meio em que está inserido, e a necessidade de oferecer oficinas que deem vozes aos seus participantes.

Como a experiência em arte pode ser significativa em um espaço não formal de educação, como o SCFV? Indagação que motivou esta pesquisa e no qual mostrou que não existem respostas únicas e absolutas, mas que existem caminhos que podem ser percorridos, como permitir ao aluno se expressar e tornar o conhecimento significativo, dar sentido ao que se aprende.

Quando oportunizamos situações que facilitem o caminho para expressão do participante estamos unindo o sensível e experiência, pois a arte quando trabalhada por esse viés contribui na construção de repertório, de bagagem deste participante. Possibilitar que o participante expresse através da arte suas vivências e realidades proporciona um olhar mais sensível sobre seu cotidiano. Como também possibilita que compreendam o real sentido de expressão ao entender que não apenas a fala, não apenas a escrita, não apenas o desenho e não apenas o silêncio fala por ele, a arte utilizada como forma de expressão é tradução de sentimentos.

Os participantes do SCFV de Jacinto Machado não possuem uma oficina específica de Arte, apesar de utilizarem de diversas possibilidades que ela oferece em momentos aleatórios. Entretanto, ao dar voz a estes participantes e proporcionar esta experiência artística e estética, percebi que seria de extrema valia o início de uma oficina onde pudessem ter acesso a arte, contextualizando com suas vivências e experiências. O conhecimento desses participantes sobre Arte Contemporânea é quase nulo, a partir da fala deles percebo a falta de acesso e conhecimento, resultado de pouca experiência com o aprendizado em arte no espaço formal de educação, restrito ao desenho, pintura e escultura.

O estigma de ensino de Arte ser apenas desenho e colorir vêm de muito tempo e persiste em espaços formais e não formais de educação, desconstruindo possibilidades de intervenções sensíveis vindas dos alunos/participantes. Quando reduzimos as opções de expressão de uma criança ou adolescente minimizamos também o conhecimento íntegro que ela poderia absorver, afinal o conhecimento é aquele que toca o sujeito, que faz sentido a ele. Precisamos ouvir, ver, sentir, e perceber se a proposta está fazendo sentido para o participante, caso contrário a metodologia utilizada deve ser revista. A importância de identificar o meio social do aluno precisa estar presente no planejamento do educador, facilitando o caminho que será percorrido até chegar ao sensível desse participante.

Esta pesquisa é apenas uma parte, de um trabalho maior que pode ser desenvolvido, pois ainda é possível e se faz necessário aprofundá-lo com outros estudos referentes ao tema proposto, por este motivo o título destas considerações finais é a pergunta: Fim do Percurso?

Sendo assim finalizo este trabalho na expectativa de ter semeado o desejo pela arte na vida dos participantes e que ao longo deste trabalho tenham tido uma real experiência com a arte nos espaços não formais de ensino como o SCFV.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução a filosofia**. 4ª Ed – São Paulo: Moderna, 2009
- ARNHEIM, Rudolf. **Intuição e intelecto na arte**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1999.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, p.20– 28, 2004.
- BRASILIA. Abigail Silvestre Torres. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos**. Brasília: Governo Federal Brasil Pátria Educadora, 2012.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988
- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003
- CAMARGO, Carlos Avelino de Arruda. **Do lugar de onde se vê: aproximações entre as artes plásticas e o teatro**. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p.96.
- CASTELLEN, Christiane Maria. **Museu de Arte de Santa Catarina e suas ações educativas como possibilidades de inclusão social através de parcerias**. 2004. Dissertação (pós-graduação Lato Sensu em Ensino de Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em artes: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013, 244p.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988
- DORFLES, Gillo. **O dever das artes**. Lisboa: Martins Fontes, 1987
- GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. institut international des droits de l'enfant (ide) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000

FRANK, N. Magill. **Masterpieces of World Philosophy**. Nova Iorque, 1961

FRANZ, Terezinha Sueli. Arte, imagem e mediação cultural. In: NUNES, Ana Luiza Ruschel (orgs.). **Artes visuais, leitura de imagens e escola**. Ponta Grossa, PR: Ed.UEPG, 2001.

FRONZA-MARTINS, Aglay. **Da magia a sedução: a importância das atividades educativas não formais realizadas em museus de Arte**. Revista de Educação, Brasil, 2006.

GOHN, G. Maria. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**, Rio de Janeiro, 2006.

GOHN. **Educação não formal e o educador social : atuação no desenvolvimento de projetos sociais** – são paulo : cortez, 2010. – (coleções questões da nossa época; v. 1)

HERRERA, Hayden. **A biografia de Frida Kahlo**. Nova Iorque, 1983

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **As experiências com literatura nos relatos das crianças: abrindo espaços de narrativa**. 2007 92 f Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. A formação de professores (re)significada nos espaços de narrativa. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2008, p. 109 a 118.

JACOBUCCI, D. F. C. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica**. Revista em extensão, vol. 7. Uberlândia, p. 55 a 66, 2008.

JUNG, C.G. **Collected papers on analytical psychology**. Londres. Tradução: C. Tindall Company, 1920

KETTEMANN, Andrea. **Frida Kahlo: 1907-1954: dor e paixão**. Köln Benedikt Taschen 1994

LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores**. Papyrus Editora. 2003.

MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **Ensaio em torno da Arte**. Chapecó: Argos, 2008

MARINA, J. M. **Crônicas de la ultramodernidad**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2004

MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação: provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, SP. 2005

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Teresinha Telles. **Mediação cultural para professores andarilhos na Cultura**. Rio de Janeiro, RJ: RBB Ltda, 2008

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Teresinha Telles. **Teoria e prática do ensino de Arte**. 1ª Ed. São Paulo: FTD, 2009
MEIRA, Regina Danjone. **A obra de Guernica: Dialogos com Tillich e Heidegger**. 1ª Ed. São Paulo. 2017

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

MODINGER, Carlos Roberto. **Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Erechim: Edelbra, 2012

OLIVEIRA, Diego. **Lambe-Lambe: resistencia à verticalização do baixo Augusta**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso de pós graduação. USP

PAVAN, Kariane. **Interdisciplinaridade e a arte: estabelecendo relações**. Republico f Moldova. NEA edições. 2017

PALLAMIN, Vera M. (org). **Cidade e cultura: esfera publica e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade. 2002

PAREYSON, Luigi. **Os probleminhas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PEIXOTO, Maria Cristina dos Santos; AZEVEDO, Leny Cristina Soares Souza. **Entrelaçando diferentes linguagens na Educação infantil: reflexões e práticas**. In:Caderno de formação: formação de professores da Educação infantil, princípios e fundamentos - Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho. São Paulo, vol 3, 2011. p.75 a 90. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/448/1/01d14t05.pdf>

ROSA, Nereide Schilaro Santa; SCALÉA, Neusa Schilaro. **Arte-educação para professores – teorias e praticas na visitação escolar**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2006

TIBOL, Raquel. **Frida Kahlo: uma vida abierta**. Cidade do México, 1983.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A: Termo de consentimento Diretor SCFV

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE**

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: ARTE, EXPRESSÃO E EXPERIÊNCIA**. O (a) sr(a): _____

Diretor da _____ foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) de Jacinto Machado estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos Investigar de que forma a experiência em arte pode ser significativa em um espaço não formal de educação como o SCFV em uma proposta metodológica de espaços de narrativa. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a Instituição na qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes à Instituição serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. A coleta de dados será realizada pela acadêmica Fernanda Silvestre Serafim (48) 999999999 da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pela professora Gislene dos Santos Sala.

Criciúma (SC) _____ de _____ de 2017.

Assinatura do Responsável pela Instituição

APÊNDICE B: Termo de Consentimento para os pais ou responsáveis

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL), _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO), _____

_____ como pai/mãe e/ou responsável legal autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução da imagem, do som da voz de meu filho (a), sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Fernanda Serafim Silvestre do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof. Ma. Gislene dos Santos Sala para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria que seu (ua) filho (a) fosse identificado na pesquisa

APÊNDICE C: Planejamento da Oficina

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA HUMANIDADES CIÊNCIA EDUCAÇÃO – HCE CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

Local: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) de Jacinto Machado – SC.

Público Alvo: Adolescentes com idades entre 7 e 14 anos, frequentadores do SCFV de Jacinto Machado.

Acadêmica pesquisadora: Fernanda Serafim Silvestre

Professora Orientadora: Gislene dos Santos Sala

PLANEJAMENTO DA OFICINA

PESQUISA DE CAMPO COM O USO DE ESPAÇOS DE NARRATIVAS

1 TÍTULO DA OFICINA: Arte, Expressão E Experiência

2 OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

Possibilitar aos participantes expressar artisticamente suas vivências e histórias de vida utilizando-se da linguagem visual a partir da criação de lambe-lambe em diálogo com a produção artística da artista Frida Kahlo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reconhecer a Arte como forma de expressão;
- Apropriar-se da técnica de Lambe-Lambe para intervenção urbana;
- Compreender o processo de produção do Lambe-Lambe e produzi-lo;
- Expressar-se artisticamente buscando inspiração nas produções da artista Frida Kahlo.
- Desenvolver a sensibilidade, percepção e reflexão de todos os envolvidos aproximando-os da Arte.

3 CONTEÚDOS DE ARTE

- Recortes da vida e obra de Frida Kahlo;
- Técnica Lambe-Lambe;
- Intervenção Urbana;

4 METODOLOGIA

Primeiro Encontro:

Neste primeiro contato com os participantes irei me apresentar e explicar brevemente sobre minha pesquisa. Então mobilizarei o grupo com a participação do funcionário responsável. Entregarei para todos(as) as autorizações de uso de imagem e salientarei a importância de se trazer as fichas devidamente assinadas por seus pais ou responsáveis até o nosso próximo encontro. As fichas poderão ser entregues para o funcionário responsável. Já deixarei agendado com os participantes a data da oficina.

Segundo Encontro:

Com as autorizações assinadas, darei início à oficina a qual terá entre 01 a 02 horas de duração. Com o auxílio de uma câmera, gravarei a oficina para análise posterior. Pedirei para que todos os participantes formem uma meia lua com as cadeiras para podermos dar início à nossa oficina. Com o auxílio do datashow irei falar sobre a expressão artística Lambe-Lambe. Esta é uma vertente da arte de rua que se utiliza de cartazes como intervenção urbana para transmissão de ideias, pensamentos e expressar vivências de forma artística. O lambe-lambe pode ser realizado utilizando colagens de gravuras, desenhos, estêncil com tinta spray ou computação gráfica e geralmente são fixados utilizando cola de farinha. Falarei brevemente sobre o processo histórico do Lambe-lambe, desde seu início até os dias atuais. Durante esta explicação, pontuarei como o Lambe-lambe foi utilizado para intervenção urbana a fim de reivindicar, quebrar o silêncio, falar, expor, protestar.

Em seguida falarei para os alunos que assim como o Lambe-Lambe fala sobre experiências, existem artistas cujas produções a retratam. Como um grande exemplo, a artista Frida Kahlo. Falarei sobre alguns recortes da vida de Frida Kahlo

e mostrei como os acontecimentos de sua vida eram claramente retratados em suas produções. Pontuarei para os alunos que a artista Frida Kahlo colocava a si nas obras e expressava seus sentimentos quanto as suas experiências e vivências.

Encerrada as explicações, irei propor aos participantes produzir um Lambe-Lambe tendo como inspiração a poética da artista Frida Kahlo, expressando suas experiências e de suas vidas artisticamente. Estas produções poderão ser realizadas com colagens de imagens e textos e desenhos. Entregarei para cada um uma folha A4, a qual será usada para a produção do Lambe-lambe. Irei expor para os alunos utilizarem: lápis de cor, canetinhas, revistas, jornais, tesouras e entre outros.

Para instigar a produção estarei realizando três questionamentos:

- Que vida eu tenho?
- Que vida eu gostaria de ter?
- Quem sou eu?

As produções poderão responder a estas perguntas. O participante pode escolher apenas uma pergunta, ou todas. Ficará a critério do participante.

Assim que todos tiverem concluído suas produções iremos fazer cinco cópias do Lambe-Lambe de cada participante e sair para colá-los na rua. Também entregarei uns adesivos com as perguntas tema da produção, as quais serão coladas próximas das produções, para pontuar as vivências e experiências. Assim que todos terminarem de colar suas produções, iremos retornar para a sala para conversar. Questionarei os participantes sobre a experiência que tivemos nesta oficina – de expressar suas vivências com a Arte. Instigarei todos a falarem. Por fim agradecerei a participação de todos.